FIEG

GOIÁS INDUSTRIAL

Revista do Sistema Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Ano 61
 # 253
Agosto 2013

O SALTO DAS MONTADORAS

Com investimentos que se aproximam de R$ 3,6 bilhões, cadeia do setor automobilístico engatilha novo avanço e redesenha o perfil da indústria em Goiás

ENTREVISTA

Os projetos de inovação nas empresas terão à disposição, entre este e o próximo ano, volume inédito de recursos, algo em torno de R$ 32,9 bilhões, anuncia Carlos Ganem, coordenador nacional do Prêmio Finep

Senai Goiás
FACULDADES COM A MARCA DA INDÚSTRIA

CIN/Fieg
ESFORÇO REDOBRADO PARA GANHAR O MERCADO EXTERNO

Bom que um dos prêmios seja justamente pela Ginástica Laboral.

Levantar tantas vezes o troféu pode acabar gerando uma lesão por esforço repetitivo.

O SESI venceu o Prêmio Marca Brasil 2013 em duas categorias: pela oitava vez desde que a premiação foi criada, em 2000, na categoria Ginástica Laboral e pela segunda vez como melhor empresa de serviços prestados durante a Semana Interna de Prevenção de Acidentes no Trabalho - Sipat.

Essa premiação é a resposta ao trabalho sério e comprometido que o SESI realiza para as indústrias e seus trabalhadores, em educar e incentivar hábitos que promovam a qualidade de vida de todos.

FIEG SESI

60 anos SESI

Sistema Fieg/Ascom

Artigo»

“Esta edição destaca o salto das montadoras, já com investimentos de cerca de R$ 3,6 bilhões, empregando em torno de 22,2 mil pessoas no Estado e movimentando R$ 900 milhões em impostos”

Pedro Alves de Oliveira
Presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás

NACIONALIZAR É PRECISO

Graças ao ideal comum, à sintonia e parceria entre iniciativa privada e poder público, Goiás – antes considerado um Estado essencialmente agropastoril – construiu um parque industrial diversificado e descentralizado, em perene atualização e expansão, fortalecendo uma economia que, em muitos sentidos, se habituou a crescer mais do que a média nacional. Movido principalmente por dois programas de incentivo: Fomentar e Produzir, Goiás produz cada vez mais alimentos e automóveis, produtos metalúrgicos e equipamentos médicos, produtos farmacêuticos, peles, atomatados, carnes bovina, suína e aves, derivados de soja, álcool, massas, biscoitos, bebidas e minérios.

Esta edição da **Goiás Industrial** destaca o salto das montadoras, já com investimentos de cerca de R$ 3,6 bilhões, empregando em torno de 22,2 mil pessoas no Estado e movimentando R$ 900 milhões em impostos. Indiscutivelmente, a chegada da indústria automobilística a Goiás foi um avanço extraordinário em direção à tecnologia, geração de empregos e ao prestígio econômico e social. Mas aquela foi a fase de apenas montagem, com participação modestíssima de peças realmente fabricadas no Brasil, algo em torno de 0,3%. Hoje, o valor da transformação industrial já alcança 6,5% a 7,2%, o que, convenhamos, ainda é muito pouco, daí o empenho permanente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás por seu crescimento a níveis bem maiores.

Neste trabalho jornalístico, a **Goiás Industrial** mostra o que estão fazendo a Mitsubishi e a John Deere, presentes em Catalão desde o fechamento da década de 90, e mais recentemente o grupo Caoa/Hyundai, Suzuki e Foton Lovol Bramax (FLB), em Anápolis e Itumbiara. Segundo levantamentos do Instituto Mauro Borges, da Secretaria de Gestão e Planejamento do Estado (Segplan), a indústria metalmecânica deverá receber investimentos de R$ 3,622 bilhões entre 2012 e 2015, contemplando 24 projetos de instalação e expansão de empresas. Nessa relação, estão US$ 600 milhões realizados pelo Caoa/Hyundai na expansão de sua unidade no Distrito Agroindustrial de Anápolis (Daia), que passou a montar ali o utilitário esportivo ix35, antes importado da Coreia do Sul.

A MMC Automotores do Brasil, do Grupo Souza Ramos, associado ao BTG Pactual, no seu projeto Anhanguera 2, que inclui, em Catalão, a instalação da primeira fábrica de motores da marca fora do Japão e de uma nova linha de pintura, permitirá à MMC dobrar sua capacidade de produção.

A John Deere investiu R$ 60 milhões para ampliar sua fábrica em Catalão e acomodar a linha de produção de pulverizadores, que entrou em operação no ano passado como parte do projeto de nacionalização iniciado em 2007.

índice»

CAPA

24 A indústria de veículos e autopeças, que já movimenta quase R$ 900 milhões por ano em impostos, deverá investir, até 2015, em torno de R$ 3,6 bilhões, quando considerada toda a cadeia metalmecânica. Apenas a Mitsubishi deverá responder por R$ 1,1 bilhão daquele total, ajudando a consolidar um parque que já reúne perto de 2,6 mil empresas, incluindo os setores de produtos plásticos e de reparação de veículos, e emprega 22,2 mil trabalhadores.

ENTREVISTA

8 Empresas de todo o País terão à sua disposição, no biênio 2013 e 2014, nada menos do que R$ 32,9 bilhões para financiar projetos de inovação, um volume de recursos jamais registrado na história do setor, segundo Carlos Ganem, coordenador nacional do Prêmio Finep de Inovação.

INOVAÇÃO

13 Num trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Inovação de Goiás, da Fieg, em parceria com Sebrae e Finep, 15 indústrias cumpriram uma extensa programação de cursos, reforçados pela prestação de serviços de consultoria por especialistas, mestres e doutores contratados pelo núcleo com objetivo de desenvolver competências e implantar processos de gestão em inovação.

NEGÓCIOS INTERNACIONAIS

16 A Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), por meio do Conselho Temático de Comércio Exterior (Ctcomex) e Centro Internacional de Negócios (CIN), intensificou a programação de cursos, palestras e a participação em feiras e missões internacionais neste segundo semestre com o objetivo de expandir a base de empresas exportadoras no Estado.

RELAÇÕES TRABALHISTAS

17 "O gestor atual utiliza as relações de trabalho como ferramenta de sua gestão melhorando e alcançando resultados cada vez mais positivos em bons planejamentos trabalhistas individualizados", sustenta Rafael Lara Martins, sócio do escritório Rodovalho Advogados, presidente do Instituto Goiano de Direito do Trabalho e consultor de relações trabalhistas da CNI.

SENAI GOIÁS

18 Em uma década de atuação na área do ensino superior, o Senai Goiás formou mais de 500 profissionais e especialistas em em rede de computadores, como Cleidson Cleidson Barbosa da Silva (*foto*), análise de sistemas, processos químicos e automação industrial, acompanhando o ritmo vigoroso de crescimento da indústria goiana.

IEL GOIÁS

21 Nos últimos seis meses, o IEL Goiás firmou sete convênios de estágio com prefeituras goianas, oferecendo mais de 1,5 mil vagas de estágio a estudantes de níveis médio e superior, criando oportunidades de inclusão no mercado de trabalho também no interior goiano.

SESI GOIÁS

35 Em parceria com o Sesi Goiás, empresas como Votorantim Metais, de Niquelândia, Mitsubishi, de Catalão, Prometálica, em Americano do Brasil, Minerva, em Palmeiras de Goiás, Caramuru Alimentos, em Itumbiara, e Sama, de Minaçu, investem em projetos na área esportiva e colhem ganhos de produtividade.

MADE IN GOIÁS

40 Empresa goiana, criada há cinco anos, a Ecoforte Inteligência Ambiental desenvolveu um sistema avançado e ambientalmente sustentável para tratamento de efluentes, com eficiência superior às tecnologias mais convencionais adotadas nessa área.

MEMÓRIA

41 Há pouco mais de três décadas no mercado, a Coming Indústria e Comércio de Couros Ltda. consolida-se como a maior exportadora de couros do Estado, posicionando-se entre as dez maiores do setor em todo o País, com investimentos direcionados para a sustentabilidade de sua operação.

LEI DOS PORTOS

48 "Os impactos da nova lei para os portos brasileiros poderão ser importantes se tivermos capacidade de organização e ação política no sentido de reivindicar soluções à altura das necessidades da economia", defende José de F. Mascarenhas, vice-presidente da CNI e presidente da Federação das Indústrias do Estado da Bahia

expediente»

GOIÁSINDUSTRIAL

Direção
José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo
Geraldo Neto

Edição
Lauro Veiga Filho

Subeditor
Dehovan Lima

Reportagem
Andelaide Pereira, Célia Oliveira, Daniela Ribeiro, Edilaine Pazini, Jávier Godinho, Nathalya Toaliari e Janaina Staciarini e Corrêa

Colaboração
Welington da Silva Vieira

Fotografia:
Sílvio Simões, Alex Malheiros e Sérgio Araújo

Capa e ilustrações
Gabriel Martins e Chico Santos

Projeto gráfico
Wesley Cesar

Diagramação e produção
Clarim Comunicação e Marketing
Rua S-6 nº 129, Sala 01, Setor Bela Vista
(62) 3242-9095
www.clarimcomunica.com.br
contato@clarimcomunica.com.br

impressão
Gráfica Kelps

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista

Sistema FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Presidente:
Pedro Alves de Oliveira

Av. Araguaia, nº 1.544,
Ed. Albano Franco,
Casa da Indústria - Vila Nova
CEP 74645-070 - Goiânia-GO
Fone (62) 3219-1300
Fax (62) 3229-2975

Home page:
www.sistemafieg.org.br

E-mail
fieg@sistemafieg.org.br

FIEG REGIONAL ANÁPOLIS

Presidente:
Ubiratan da Silva Lopes

Av. Engº Roberto Mange,
nº 239-A, Bairro Jundiaí,
CEP 75113-630, Anápolis-GO
Fone/Fax (62) 3324-5768 /
3311-5565

E-mail:
nureaps@sistemafieg.org.br

SESI
Serviço Social da Indústria
Diretor Regional:
Pedro Alves de Oliveira
Superintendente: Paulo Vargas

SENAI
Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
Diretor Regional: Paulo Vargas

IEL
Instituto Euvaldo Lodi
Diretor: Hélio Naves
Superintendente: Humberto Oliveira

ICQ BRASIL
Instituto de Certificação Qualidade Brasil
Diretor: Justo O. D'Abreu Cordeiro
Superintendente: Tatiana Jucá

Diretoria da FIEG

Presidente
Pedro Alves de Oliveira

1º Vice-Presidente
Wilson de Oliveira

2º Vice-Presidente
Eduardo Cunha Zuppani

3º Vice-Presidente
Antônio de Sousa Almeida

1º Secretário
Marley Antônio da Rocha

2º Secretário
Ivan da Glória Teixeira

1º Tesoureiro
André Luiz Baptista Lins Rocha

2º Tesoureiro
Hélio Naves

Diretores
Segundo Braoios Martinez
Sandro Marques Scodro
Orizomar Araújo Siqueira
Ubiratan da Silva Lopes
Manoel Paulino Barbosa
Robson Peixoto Braga
Roberto Elias de L. Fernandes
José Luis Martin Abuli
Álvaro Otávio Dantas Maia
Eurípedes Felizardo Nunes
Jair Rizzi
Henrique W. Morg de Andrade
Eduardo Gonçalves
Leopoldo Moreira Neto
Flávio Paiva Ferrari
Luiz Gonzaga de Almeida
Luiz Ledra
Daniel Viana
Osvaldo Ribeiro de Abreu
Elvis Roberson Pinto
Eduardo José de Farias
Valdenício Rodrigues de Andrade
Ailton Aires de Mesquita
Hermínio Ometto Neto
Carlos Alberto Vieira Soares
Jerry Alexandre de Oliveira Paula
Josélio Vitor da Paixão
Jaime Canedo

Conselho Fiscal
Justo O. D'Abreu Cordeiro
Laerte Simão
Mário Drummond Diniz

Conselho de Representantes junto à CNI
Paulo Afonso Ferreira
Sandro Antônio Scodro

Conselho de Representantes junto à Fieg
Abílio Pereira Soares Júnior
Ailton Aires Mesquita
Alyson José Nogueira
Álvaro Otávio Dantas Maia
Antônio Alves de Deus
Carlos Alberto Vieira Soares
Carlos Roberto Viana
Célio Eustáquio de Moura
Cyro Miranda Gifford Júnior
Daniel Viana
Domingos Sávio G. de Oliveira
Edilson Borges de Sousa
Eduardo Cunha Zuppani
Eliton Rodrigues Fernandes
Elvis Roberson Pinto
Emílio Carlos Bittar
Eurípedes Felizardo Nunes
Fábio Rassi
Flávio Paiva Ferrari
Flávio Santana Rassi
Francisco Gonzaga Pontes
Gilberto Martins da Costa
Henrique Wilhem Morg de Andrade
Hermínio Ometto Neto
Hélio Naves
Heribaldo Egídio
Ivan da Glória
Jaime Canedo
Jair Rizzi
João Essado
Joaquim Cordeiro de Lima
Joaquim Guilherme Barbosa de Sousa
José Alves Pereira
José Antônio Vitti
José Batista Júnior
José Divino Arruda
José Luiz Martin Abuli
José Romualdo Maranhão
José Vieira Gomide Júnior
Justo Oliveira D'Abreu Cordeiro
Laerte Simão
Leopoldo Moreira Neto
Luiz Gonzaga de Almeida
Luiz Ledra
Luiz Rézio
Manoel Silvestre Álvares da Silva
Marley Antônio Rocha
Nilton Pinheiro de Melo
Olympio José Abrão
Orizomar Araújo de Siqueira
Paulo Sérgio de Carvalho Castro
Pedro Alves de Oliveira
Pedro de Souza Cunha Júnior
Pedro Paulo Tavares Costa
Pedro Silvério Pereira
Plínio Boechat Lopes
Ricardo Araújo Moura
Roberto Elias de Lima Fernandes
Robson Peixoto Braga
Rodolfo Luis Xavier Vergílio
Sandro Antônio Scodro Mabel
Sávio Cruvinel Câmara
Segundo Braoios Martinez
Ubiratan da Silva Lopes
Valdenício Rodrigues de Andrade
Wellington Soares Carrijo
Wilson de Oliveira

Conselhos Temáticos

Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação
Presidente
Melchíades da Cunha Neto
Vice-Presidente
Ivan da Glória Teixeira

Conselho Temático de Meio Ambiente
Presidente
Henrique W. Morg de Andrade
Vice-Presidente
Aurelino Antônio dos Santos

Conselho Temático de Infraestrutura
Presidente
Célio de Oliveira
Vice-Presidente
Álvaro Otávio Dantas Maia

Conselho Temático de Política Fiscal e Tributária
Presidente
Eduardo Zuppani
Vice-Presidente
José Nivaldo de Oliveira

Conselho Temático de Relações do Trabalho
Presidente
Sílvio Inácio da Silva

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa
Presidente
Leopoldo Moreira Neto
Vice-Presidente
Carlos Alberto Vieira Soares

Conselho Temático de Responsabilidade Social
Presidente
Antônio de Sousa Almeida
Vice-Presidente
Rosana Gedda Carneiro

Conselho Temático de Agronegócios
Presidente
Igor Montenegro
Vice-Presidente
Ananias Justino Jaime

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais
Presidente
Emílio Bittar
Vice-Presidente
José Carlos de Souza

Conselho Temático Fieg Jovem
Presidente
Leandro Almeida
Vice-Presidente
Agripino Gomes de Souza Júnior

Rede Metrológica Goiás
Presidente
Marçal Henrique Soares

Câmara Setorial de Mineração
Presidente
José Antônio Vitti
Vice-Presidente
Luiz Antônio Vessani

Sindicatos com sede na Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Av. Anhanguera, nº 5.440, Edifício José Aquino Porto, Palácio da Indústria, Centro, Goiânia-GO, CEP 74043-010

SIAEG
Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás
Presidente: Sandro Antônio Scodro Mabel
Fone/Fax: (62) 3224-9226
siaeg@terra.com.br

SIEEG
Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal
Presidente: Orlando Alves Carneiro Júnior
Fone (62) 3212-6092
Fax 3212-6092
sieeg@sistemafieg.org.br

SIGEGO
Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás
Presidente: Antônio de Sousa Almeida
Fone (62) 3223-6515
Fax 3223-1062
sigego@sistemafieg.org.br

SIMAGRAN
Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás
Presidente: Eliton Rodrigues Fernandes
Telefone: (62) 3225-9889

SINCAFÉ
Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás
Presidente: Carlos Roberto Viana
Fone (62) 3212-7473
Fax 3212-5249
sincafe@sistemafieg.org.br

SINDAGO
Sindicato dos Areeiros do Estado de Goiás
Presidente: Gilberto Martins da Costa
Fone/Fax (62) 3224-8688
sindago@sistemafieg.org.br

SINDCEL-GO
Sindicato da Indústria da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia no Estado de Goiás
Presidente: Célio Eustáquio de Moura
Fone: (62) 3218-5686 / 3218-5696
Sindcel.go@gmail.com

SINDIALF
Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confecção de Roupas para Homens no Estado de Goiás
Presidente: Daniel Viana
Fone (62) 3223-2050

SINDIBRITA
Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras e Derivados do Estado de GO, TO e DF
Presidente: Flávio Santana Rassi
Fone/Fax (62) 3213-0778
sindibrita@sistemafieg.org.br

SINDICALCE
Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás
Presidente: Elvis Roberson Pinto
Fone/Fax: (62) 3225-6402
sindicalce@sistemafieg.org.br

SINDICARNE
Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás
Presidente: José Magno Pato
Fone/Fax (62) 3229-1187 e 3212-1521
sindcarn@terra.com.br

SIMELGO
Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás
Presidente: Orizomar Araújo de Siqueira
Fone/Fax (62) 3224-4462 contato@simelgo.org.br

SIMPLAGO
Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás
Presidente: Olympio José Abrão
Gestor executivo: Giovanni Souto
Fone (62) 3224-5405
simplago@sistemafieg.org.br

SINDICURTUME
Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás
Presidente: João Essado
Fone/Fax: (62) 3213-4900
sindicurtume@sistemafieg.org.br

SINDIGESSO
Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás
Presidente: José Luiz Martin Abuli
Fone: (62) 3224-7443
sindigesso@sistemafieg.org.br

SINDILEITE
Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás
Presidente: Joaquim Guilherme Barbosa de Souza
Fone (62) 3212-1135
Fax 3212-8885
sinleite@terra.com.br

SINDIPÃO
Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás
Presidente: Luiz Gonzaga de Almeida
Fone: (62) 8422-4022
sindipao@sistemafieg.org.br

SINDIREPA
Sindicato das Auto Reformadoras de Goiás
Presidente: Ailton Aires Mesquita
Telefone (62) 3224-0121/ 3224-0012
sindirepa@sistemafieg.org.br

SINDMÓVEIS
Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás
Presidente: Pedro Silvério Pereira
Fone/Fax (62) 3224-7296
sindmoveis@sistemafieg.org.br

SINDTRIGO
Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste
Presidente: André Lavor Pagels Barbosa
Fone (62) 3223-9703 sindtrigo@sistemafieg.org.br

SININCEG
Sindicato das Indústrias de Calcário, Cal e Derivados no Estado de Goiás
Presidente: José Antônio Vitti
Fone/Fax (62) 3223-6667
sininceg@sistemafieg.org.br

SINPROCIMENTO
Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás
Presidente: Luiz Ledra
Fone (62) 3224-0456/
Fax 3224-0338
siac@sistemafieg.org.br

SINDQUÍMICA-GO
Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás
Presidente: Jaime Canedo
Fone (62) 3212-3794/
Fax 3225-0074
sindquimica@sistemafieg.org.br

SINVEST
Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás
Presidente: José Divino Arruda
Fone/Fax (62) 3225-8933
sinvest@sistemafieg.org.br

Outros endereços

SIAGO
Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás
Presidente: José Nivaldo de Oliveira
Rua T-45, nº 60 - Setor Bueno
CEP 74210-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax (62) 3251-3691
siago@cultura.com.br

SIFAÇÚCAR
Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar do Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

SIFAEG
Sindicato das Indústrias de Fabricação de Etanol no Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia- GO
Fone (62) 3274-3133 e (62) 3251-1045
sifaeg@terra.com.br

SIMESGO
Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano
Presidente: Welington Soares Carrijo
Rua Costa Gomes, nº 143
Jardim Marconal
CEP 75901-550 - Rio Verde - GO
Fone/Fax (64) 3623-0591
simesgo1@hotmail.com

SINROUPAS
Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas em Geral de Goiânia
Presidente: Edilson Borges de Sousa
Rua 1.137, nº 87 - Setor Marista
CEP 74180-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax: (62) 3088-0877
sinroupas@yahoo.com.br

SINDUSCON-GO
Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás
Presidente: Carlos Alberto de Paula Moura Júnior
Rua João de Abreu, 427 - St. Oeste
CEP 74120-110 - Goiânia- GO
Fone (62) 3095-5155
contato@sinduscongoias.com.br

Anápolis

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Jundiaí, Anápolis/GO
CEP 75113-630 Fone/Fax: (62) 3324-5768 e 3324-5997
fieg.regionalanapolis@sistemafieg.org.br

SINDALIMENTOS
Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis
Presidente: Wilson de Oliveira

SICMA
Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis
Presidente: Álvaro Otávio Dantas Maia

SINDIFARGO
Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás
Pres. – Ivan da Glória
Pres. executivo – Marçal Henrique Soares

SIMMEA
Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis
Presidente: Robson Peixoto Braga

SINDICER-GO
Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás
Presidente: Henrique Wilhelm Morg Andrade

SIVA
Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis
Presidente: Jair Rizzi

Senhor empresário: A FIEG é integrada por 36 sindicatos da indústria, com sede em Goiânia, Anápolis e Rio Verde. Conheça a entidade representativa de seu setor produtivo. Participe. Você só tem a ganhar.

32,9 BILHÕES PARA INOVAÇÃO

Lauro Veiga Filho

O setor de inovação terá à sua disposição, no biênio 2013/14, volume inédito de recursos, "jamais visto na história do País", nas palavras do coordenador nacional do Prêmio Finep, Carlos Ganem. No total, incluindo recursos do Tesouro Nacional, do orçamento da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), e de parceiros como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), entre outros, serão R$ 32,9 bilhões destinados a empresas inovadoras ou com potencial para isso.

Goiás Industrial – Qual tem sido o papel da Finep na área da inovação no País numa fase mais recente? Mais do que isso, qual a relevância da inovação para a economia?
Carlos Ganem – A primeira das questões tem contexto quase histórico. O Brasil há muitos anos tem sido um país de recepção de ideias, um país que quer investir na chamada área tradicional. A prova disso foi a criação de instrumentos para o apoio a investimentos em imobilizado. Nos anos 1950, houve a criação do BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico), ainda sem o S (de Social), da Sudene (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste), do Banco do Nordeste do Brasil e de um conjunto de ações financeiras representado por bancos estaduais com carteira de desenvolvimento e de outras instituições com perfil de banco de investimento. O Brasil repetiu o modelo do BNDES de forma regional no Sul, no Nordeste, na Amazônia, trabalhando com subsídios, com incentivos de fundos regionais como o Finor e fundos como o 157, de saudosa memória. O Brasil mudou. O programa de ação estruturada do País deixou de ser realizado nos departamentos de operações pesadas do BNDE e passou para a chancela do Ministério do Planejamento e os bancos começaram de fato a ter ação voltada para o contexto microempresarial, apoiando iniciativas de empresas de qualquer porte com base num modelo de subsídio que compensava a inflação brasileira. Passados muito anos, formaram-se gigantes no âmbito empresarial, quase todos constituídos com essa característica de utilizar os subsídios da não inflação para permitir crescimento. Vários desses grupos surgiram, várias instituições se desenvolveram e, apesar disso, alguns até sucumbiram.

Goiás Industrial – Foi uma fase em que o Brasil se concentrou muito em capital físico.
Carlos Ganem – Muito. Nesse contexto, as indústrias de bens de capital emergem como representantes máximas desse modelo. O que

aconteceu? Você teve um momento, desde o governo Getúlio Vargas, de implantação da indústria de insumos de base, com a criação da Petrobras, da Companhia Siderúrgica Nacional (CNS) e de um conjunto de esforços siderúrgicos que, no entanto, vão se basear em tecnologias de projeto vindas de fora. Nenhum dos quatro planos siderúrgicos que sustentaram a evolução do setor no País foi concebido no Brasil. A despeito disso, você tinha um banco, como o BNDE, que fazia o papel de organizar os investimentos brutos do Estado de uma forma, eu diria, bastante sólida. Junto com isso, a ditadura trouxe os militares com sua obsessão pela construção de planos e programas de longo prazo e um nacionalismo arraigado, com uma barreira concreta às importações, representada pela Cacex (Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil). Concretamente, não havia como importar nada. Havia uma lista do que era considerado prioritário e do que era descartável. Enquanto isso, o modelo industrial apoiado numa industrialização mais jovem, mais nova, "juscelinística", veio com uma tecnologia de fora, sem dar condições para a constituição de grupos nacionais fortes, como, por exemplo, nas indústrias automobilística, naval, na aeronáutica. Não havia chancelas para isso. Mesmo quando, alguns anos depois, foi constituída a Embraer. Ainda hoje não fabricamos turbinas. A Embraer, que é a terceira maior empresa aeronáutica do mundo, compra e monta turbinas, é uma montadora.

Goiás Industrial – Lá atrás, o País importou tecnologia, em pacotes fechados. Quais consequências isso trouxe para o desenvolvimento tecnológico do Brasil?
Carlos Ganem – De fato, todas elas vinham de fora em pacotes fechados. A consequência é que o País ficou retardado nessa área. Além de termos, na rubrica de desenvolvimento tecnológico, apenas remessas para o estrangeiro de royalties e pagamentos de assistência técnica.

Goiás Industrial – Isso mudou? O que temos agora no País na área tecnológica?
Carlos Ganem – Situei essa história num tempo

"O modelo industrial apoiado numa industrialização mais jovem, mais nova, "juscelinística", veio com uma tecnologia de fora, sem dar condições para a constituição de grupos nacionais fortes"

que começa em 1940 e vai até 1960, entre a ditadura, entre os grandes planos telefônicos, siderúrgicos, de portos, rodovias, traçados das chamadas vias vicinais que vão alimentar a parcela do escoamento da produção brasileira, o surgimento dos centros tecnológicos representados pelo sistema industrial brasileiro, com o Senai e toda sua importância, a criação da Embrapa. Esse último evento mudou o grau de dependência brasileira na tecnologia agrícola e, sobretudo, na pecuária. O Brasil não possuía frangos. Nosso frango era neozelandês, irlandês, inglês, americano. Nosso porco tinha 60% de banha e resíduos e menos de 30% de carne. Nosso boi levava meses e meses no pasto, gerando gás metano. Mais recentemente, no entanto, nosso frango sustentou o Plano Real. Foi a fase de um quilo de frango a um real. Nosso porco hoje é aprovado por qualquer regime sanitário ou religioso no mundo todo. Para se entender o que aconteceu, o País sequer produzia soja no início dos anos 1960 e hoje é um campeão mundial de grãos.

Goiás Industrial – Como a Finep participa desse processo de desenvolvimento tecnológico?
Carlos Ganem – A Finep é uma agência única no mundo, constituída num momento de rara falência da capacidade criadora brasileira. O Brasil não tinha, até então, meios para proceder estudos, planos, projetos e programas exatamente por ter perdido a chance de desenvolver essa capacidade pelo modelo baseado na compra de pacotes fechados, bancados pelos suppliers credit que financiavam projetos. Foi preciso criar essa capacidade e, para isso, você dependia de uma base instalada na universidade, na chamada sociedade do conhecimento. As universidades são muito mais recentes do que o processo de industrialização brasileiro.

Goiás Industrial – Quando surge a Finep?
Carlos Ganem – A Finep surge em 1965 como conta gráfica, criada pelo Ministério do Planejamento, à época conduzido por João Paulo dos Reis Veloso, que teve a capacidade de materializar alguns dos sonhos mais cobiçados pelo País, criando uma estrutura para o orçamento público federal, montando um sistema de acompanhamento de projetos, estruturando a cooperação entre países, feita por uma secretaria específica, assim como a criação de uma estrutura para articulação entre os Estados, que organizava projetos no âmbito estadual para que esses tivessem compatibilidade e amarrações com objetivos mais amplos do País, aquilo que hoje não se faz no Brasil. A Finep, ao estimular a consolidação de um patrimônio do saber fazer estudos, planos, projetos e programas, apoiando empresas que no Brasil se dedicavam a consultoria de engenharia, permitiu uma mudança de patamar de negócios. No mundo todo, as empresas de consultoria estavam embaixo do chapéu, por assim dizer, da construção civil pesada. No Brasil, a própria lei da engenharia brasileira determina que quem realiza estudos não pode executar. Tem o direito da supervisão. Ele atua na fase de pré-investimento e acompanha a instalação do investimento fixo, mas ele não toca em um saco de cimento, em uma pedra de brita. Isso facilitou muito nos primeiros anos da Finep.

Goiás Industrial – De que forma?
Carlos Ganem – Rapidamente, percebemos a necessidade de investir na base de pesquisa brasileira e na formação bruta do capital humano brasileiro, com mestrado e doutorado. Veja bem, o Brasil já tinha o financiador da pessoa física, o Capes, criado em 1954, e um pouco antes, em 1951, o CNPq, que davam recursos para você estudar no exterior, fazer uma pós-graduação, quase sempre subordinada ao interesse da instituição que estava recebendo o pesquisador. A Finep vai atuar no outro lado da ponte, na área das universidades públicas federais e estaduais de ensino, organizações sem fins lucrativos, como a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, atuando diretamente na formação do chamado contexto dos programas de pesquisa de pós-graduação no País, o que envolvia a consolidação de toda a infraestrutura de pesquisas das universidades federais de Goiás, do Rio de Janeiro, de São Carlos, entre várias. Com exceção da Universidade de São Paulo (USP), que foi ajudada pelo orçamento público do Estado de São Paulo, quase todo o grande movimento de formação e consolidação da pós-graduação no Brasil e da pesquisa pura e aplicável praticada dentro de institutos, laboratórios, departamentos de universidades públicas e sem fins lucrativos foi apoiado pela Finep por meio de um instrumento lançado dois anos depois de sua criação efetiva como empresa pública. Esse instrumento foi denominado Fundo Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), destinado a apoiar esse esforço da infraestrutura a ser instalada ou melhorada na área universitária.

Goiás Industrial – Que surpreendentemente sobrevive até hoje...
Carlos Ganem – Surpreendentemente só sobrevive porque nós tivemos, em 1999, quando o fundo estava à beira da falência, a entrada dos chamados fundos setoriais para injetar-lhe crédito. O montante disponível de dinheiro para investimentos nessa área no Brasil cresceu astronomicamente.

"No quadro dos recursos asseguráveis para projetos de inovação no País, no biênio 2013-2014, temos R$ 32,9 bilhões disponíveis, o que é dinheiro aqui, na China, na Coreia da Sul, nos Estados Unidos, na Inglaterra"

Goiás Industrial – Qual foi a dimensão dessa evolução ao longo do tempo?
Carlos Ganem – O FNDCT surge em 1969, começou a operar em 1970 e em 1978 ele alcança o ponto máximo de recursos. A Finep vinha experimentando pequenos crescimentos, seguidos de decréscimos, até que em 1999 ela chegou a ter minguados R$ 30 milhões, na posição de novembro daquele ano. Apenas o fundo de petróleo e gás liberou, em sua primeira operação, em uma única tranche, R$ 38 milhões no dia 29 de dezembro daquele ano, mais do que tudo o que tínhamos liberado no exercício contingenciado de 1999. Ao longo de sua história, a Finep foi conseguindo recursos, não assegurados de forma gratuita. A Finep é um agente híbrido. Nascida para ser uma empresa pública com carta patente, virou um agente financeiro não classificável e, como tal, sofreu a contingência de ter de comprar dinheiro para aplicar na inovação tecnológica do Brasil. Inovação é uma atividade cara, que não necessariamente permite retorno imediato. Você aprende com erro da mesma forma que aprende com o acerto. Mas o fato é que, nunca antes no País, sem parodiar (o ex-presidente) Lula, no quadro dos recursos asseguráveis para projetos de inovação no País, no biênio 2013-2014, temos R$ 32,9 bilhões disponíveis, o que é dinheiro aqui, na China, na Coreia da Sul, nos Estados Unidos, na Inglaterra. Isso é dinheiro para você mudar posturas, comportamentos e a urgência das prioridades de investimento das empresas brasileiras, de qualquer porte, e num programa que a Finep retoma após praticamente 14 anos, usando agentes financeiros tanto no âmbito do recurso não reembolsável quanto no âmbito do recurso para crédito. A Finep era uma agência com liberações anuais de R$ 800 milhões até 2009, 2010. Em 2011, chegamos a R$ 1,8 bilhão e em 2012 liberamos R$ 2,356 bilhões. A proposta para 2013 era de liberarmos R$ 5,6 bilhões.

Goiás Industrial – Qual a expectativa de aplicação desses quase R$ 33 bilhões?
Carlos Ganem – Estamos usando uma tranche conjunta de parceiros. O primeiro parceiro é a Finep, porque nessa linha da inovação ela é a maior agência do Brasil. O segundo parceiro é o BNDES, que é uma agência que movimentou, independente dos recursos de agora, R$ 150 bilhões no ano passado. As ações do banco têm se concentrado no modelo de empresas campeãs. Se você olhar para a indústria automobilística brasileira, ela é multinacional. A indústria aeronáutica tem sede no Brasil, mas os capitais não são brasileiros há muito tempo. Olhando o contexto do know-how tecnológico da Embraer, a empresa ainda é dependente de coisas básicas como de uma turbina da Rolls-Royce ou de qualquer grande fornecedor de turbina aeronáutica do mundo. Do ponto de vista da atividade mais tradicional, não existe uma marca brasileira que possa ser considerada uma marca mundial. Não temos marcas notórias de eletrodomésticos. As marcas maiores quebraram.

"Contrariando pontos de vista tradicionais da tecnologia só radical, a Finep decidiu apostar em desenvolvimento regional com inovação"

Goiás Industrial – O sr. citou que a Finep deixou a redoma da tecnologia para buscar o caminho do desenvolvimento regional com inovação. Quando isso ocorreu e por quê?
Carlos Ganem – Isso foi em 2001. Contrariando pontos de vista tradicionais da tecnologia só radical, a Finep decidiu apostar em desenvolvimento regional com inovação, sob um ponto de vista neo-schumpeteriano, baseado na política de arranjos locais ensaiado desde 1999. O Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT) determinou que ele ministério, o CNPq, com financiamentos a bolsas, e a Finep, com recursos do FNDCT, vão apoiar até três projetos por Estado, levando em consideração as vocações estaduais. Essa parceria entre os Estados e entidades do MCT, junto com a governança das empresas, sem o que não se tem arranjo produtivo local, fez com que fosse possível o repasse de recursos destinados à solução de gargalos tecnológicos ou à implantação de soluções específicas. Isso permitiu estabelecer, em apenas um exemplo, um centro de referência em genéricos no polo farmoquímico de Goiás.

Goiás Industrial – Esse foi um dos resultados dessa mudança na política tecnológica?
Carlos Ganem – Esse foi um dos pontos de vista. Os arranjos produtivos de Goiás foram os mais caros do Brasil. Passados 12 anos, o resultado se afirma de maneira consagradora. Algumas dessas empresas tornaram-se referência no País. Outras venceram o Prêmio Finep regional e foram buscar e vencer a etapa nacional do concurso. Essa, no entanto, não é a questão. O objetivo não é você financiar ciência e tecnologia ou PD&I (pesquisa, desenvolvimento e inovação) para que as empresas ganhem prêmios. A questão é permitir que essas empresas adotem uma postura equivalente à política que ora se busca no sistema CNI e em algumas federações de fazer do Senai um instrumento da evocação da busca pela inovação como uma maneira de desencadear um processo virtuoso de competição baseado não só em preços, em círculos de controle de qualidade ou em qualquer outro mecanismo da qualidade, por algo muito mais transformador, muito mais motivador que é a inovação nas empresas.

Goiás Industrial – Quais são os caminhos que a inovação tem trilhado atualmente?
Carlos Ganem – Eu diria que a inovação virou moda no Brasil. Há organismos de governo dizendo ser agentes da inovação e usando conceitos que eu chamaria de ultrapassados para justificar investimentos das empresas como se inovação fosse. É rica a experiência de São Paulo quando ela qualifica a compra de tecnologia no exterior como sendo inovador ou como se fosse despesa de inovação. Compra de tecnologia é a reafirmação de um conceito daquilo que o Brasil quer abandonar. Queremos sim pagar por uma tecnologia que não esteja dominada pelo País, sobretudo quando você puder dela se assenhorar e replicá-la. Uma tecnologia que você compra para embutir em determinado projeto e em seguida você abandona, é um casuísmo. Isso não é uma prática de inovação, não é um dispêndio qualificado como se inovação fosse.

"Eu diria que a inovação virou moda no Brasil. Há organismos de governo dizendo ser agentes da inovação e usando conceitos que eu chamaria de ultrapassados para justificar investimentos das empresas como se inovação fosse"

Goiás Industrial – Mas o País registra experiências efetivamente inovadoras?
Carlos Ganem – Claro que sim. Diria que, no contexto de nossas operações hoje, o evento e a ocorrência de mecanismos trazidos pela Lei de Inovação, que data sua efetivação a partir de 2005, a adoção da Lei do Bem, a incorporação de equipes de PD&I, a participação de universidades, laboratórios, institutos e todo o conjunto de apoio, como no caso da Embrapi (Empresa Brasileira de Pesquisas Industriais), onde instituições de governo como o Instituto Nacional de Tecnologia (INT), responsável pela implantação do Programa do Álcool, se misturam com recentes parceiros e agentes do progresso tecnológico e parceiros de inovação. O Senai Cimatec da Bahia, por exemplo, oferece um suporte extraordinário em apoio a projetos de controle da manufatura e outros controles. Há muito dispêndio, por exemplo, em design não rotulado como matéria de inovação por ignorância. São dispêndios altamente vantajosos e retornáveis no contexto do resultado da empresa.

Goiás Industrial – O sr. citou que uma parte desses recursos deve ir para agentes locais. Como se dará a distribuição desse dinheiro?
Carlos Ganem – Uma parte, na verdade, já chegou para agentes locais. O primeiro agente da partição dos recursos não reembolsáveis para instituições de ciência, tecnologia e inovação do País foi a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg). Foi o primeiro signatário do Tecnova (Programa de Apoio à Inovação Tecnológica em Microempresas e Empresas de Pequeno Porte). Goiás passou à frente de Estados líderes. Dos R$ 33 bilhões, os agentes financeiros terão R$ 4,4 bilhões para atuar nos Estados. A Fapeg vai receber R$ 13,5 milhões, dos quais R$ 9 milhões da Finep e R$ 4,5 milhões como contrapartida do Estado, destinados a instituições de ciência e tecnologia e para a realização de editais que incluirão empresas de pequeno porte.

ELAS SE PREPARAM PARA SER INOVADORAS

Num trabalho realizado pelo Núcleo de Inovação de Goiás, da Fieg, em parceria com Sebrae e Finep, 15 indústrias recebem capacitação em gestão da inovação

Quinze empresas goianas de médio e pequeno porte concluíram em junho extensa programação de cursos, reforçados pela prestação de serviços de consultoria por especialistas, mestres e doutores contratados pelo Núcleo de Inovação de Goiás (NIG), da Fieg, com objetivo de desenvolver competências em inovação e implantar processos de gestão nessa mesma área. A última etapa desse processo de capacitação foi realizada na Casa da Indústria, no dia 20 daquele mês, com a promoção pela Fieg, por meio de seu Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, do Sebrae Goiás e pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) do Workshop de Fomento à Inovação.

Durante o workshop, os empresários conheceram a edição deste ano do Prêmio Finep de Inovação, além de participar de oficinas de apoio às empresas interessadas no concurso. A agenda do dia incluiu ainda a realização de palestra sobre editais de financiamento à inovação e consultoria na elaboração de projetos nesta área.

O projeto Capacitação e Consultoria em Inovação ofereceu às empresas a oportunidade de participar de oficinas práticas, com acesso ainda a consultorias individualizadas. Numa segunda etapa, foram realizados o diagnóstico da situação da empresa e a consultoria, envolvendo a elaboração de plano de inovação e suporte para formulação do projeto de inovação.

Qualificação: Biocap estrutura um departamento de inovação para organizar a relação com universidades

Projetos mais ambiciosos: a Biocap prepara-se para desenvolver produtos inovadores com base em frutos do Cerrado, anuncia a gerente técnica, Aline Alves

MAIOR ECONOMIA DE ÁGUA

Entre 2011 e 2012, a Biocap colocou em operação um sistema que permite o reaproveitamento no processo da água utilizada na área de purificação, essencial em uma indústria de produtos estéticos e de beleza e higiene. "A cada campanha (15 dias), conseguimos uma economia correspondente a 30 mil litros de água", afirma a gerente técnica Aline Alves de Oliveira.

Com a consultoria do Núcleo de Inovação de Goiás, prossegue ela, a empresa percebeu que poderia ampliar o processo, com perspectiva de multiplicar aquelas ganhos. "Estamos nos organizando para implantar o projeto de reuso de água em toda a empresa", reforça.

A meta inicial será economizar em torno de 20% da água, reduzindo perdas e desperdícios com a racionalização do consumo. A economia potencial deverá girar entre 6 mil a 10 mil litros diários, já que a empresa consume, no total, algo como 30 mil a 50 mil litros de água por dia.

BIOCAP QUER SE APROXIMAR DA UNIVERSIDADE

A Biocap Indústria de Cosméticos, com parque industrial instalado em Trindade, na Região Metropolitana, desde 2004 e experiência de 16 anos no mercado, aderiu ao projeto do NIG em busca de orientação para desenvolvimento e instalação de seu departamento de inovação, já em fase de formatação, segundo Aline Alves de Oliveira, gerente técnica da indústria. O futuro departamento, acrescenta ela, permitirá que a indústria organize e sistematize seu relacionamento com o meio acadêmico, destacadamente com as universidades que atuam no Estado.

Mas a Biocap saiu do curso com alguma coisa a mais na bagagem. Conforme Aline, a empresa já vinha crescendo e desenvolvendo projetos inovadores especialmente para reuso da água utilizada nos sistemas de purificação – projeto que a companhia pretende inscrever no Prêmio Finep. Mas pretendia – e ainda pretende – lançar-se a voos mais ambiciosos.

A consultoria providenciada pelo NIG, relata Aline, abriu os olhos da empresa para as possibilidades de inovar não apenas na área de processos, atividade que a Biocap já vinha desenvolvendo, mas também na área de produtos. "Surgiu a ideia de criarmos um projeto inovador para o desenvolvimento de novas texturas derivadas de produtos do Cerrado, para aplicações industriais", detalha. Os produtos estão em fase de estudos e a pesquisa e desenvolvimento deverão contar com parceria da Universidade Federal de Goiás (UFG).

EM PREPARAÇÃO, DUAS DEZENAS DE PROJETOS

O Sistema Fieg lançou em julho a edição 2013 do edital Senai Sesi de Inovação, repetindo uma prática que já acontece desde 2005, anuncia Cristiane dos Reis Brandão Neves, gerente de Tecnologia e Inovação do Senai Goiás. Desde então, o sistema contribuiu para o desenvolvimento de mais de 25 projetos para as indústrias de alimentos, metalmecânica, mineração e química, entre outros ramos. As empresas terão até o final de agosto para inscrever seus projetos e, de acordo com Cristiane, 20 deles já estavam em preparação.

"No ano passado, tivemos seis projetos incluídos no edital nacional de inovação. Fomos a regional com o terceiro maior número de projetos classificados", afirma Cristiane. Esses projetos concorreram a recursos que somaram, na etapa nacional, perto de R$ 23 milhões. Os valores para este ano estão previstos em R$ 30,5 milhões.

Cristiane Brandão Neves: empresas terão até o fim de agosto para inscrever projetos no edital Senai Sesi de Inovação

Todo o processo é acompanhado de perto pela área técnica dos institutos regionais. Equipes de especialistas do Senai Goiás, retoma Cristiane, acompanham o desenvolvimento dos projetos, prestando apoio e assessoria às indústrias.

DA VARIEDADE PARA A QUALIDADE

Durante os anos 1970 e 1980, o foco da Biocap foi a diversificação de seu portfólio de produtos. A partir dos anos 1990, a companhia passou a se dedicar a pesquisas, investindo em produtos mais direcionados ao mercado, com foco na qualidade. Nessa fase, a empresa instalou seu próprio laboratório e lançou a linha Hidramais, de loções, cremes, óleos e sabonetes hidratantes e para massagem, além de incorporar mais tecnologia aos seus produtos. A indústria produz ainda a linha Tricofácil, de produtos capilares. Em média, a produção atinge 600 toneladas por mês.

ENSINANDO COMO EXPORTAR

Centro Internacional de Negócios anuncia intensa programação de cursos e missões internacionais, incluindo participação em feiras para o segundo semestre

Num esforço para reforçar a inserção da economia goiana no mercado internacional, capacitar executivos e suas corporações para a exportação e ampliar a base de empresas exportadoras, a Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), por meio do Conselho Temático de Comércio Exterior (Ctcomex) e Centro Internacional de Negócios (CIN), realiza neste segundo semestre uma série de cursos técnicos voltados para as operações de comércio exterior, além de promover a participação de empresas industriais em feiras e missões internacionais.

A programação inclui cursos sobre tributação no comércio exterior, negociação e logística internacionais, regimes aduaneiros especiais e vantagens fiscais na importação e exportação, com os especialistas Tania Pryplotski, Luciano Minghini e Deise Bastos.

Ao longo do mês de julho, foi realizada ainda a reunião nacional dos gerentes da rede CIN em todo o País, com participação do gerente executivo de comércio exterior Diego Zancan Bonomo e do diretor de Desenvolvimento Industrial, Carlos Eduardo Abijaodi, ambos da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Cursos do CIN no segundo semestre>>

Datas	Curso	Professor
14 de agosto	Tributação nas operações de comércio exterior	Tania Pryplotski
11 de setembro	Negociação internacional	Luciano Minghini
16 de outubro	Logística internacional	Luciano Minghini
6 de novembro	Regimes aduaneiros especiais (vantagens fiscais na importação e exportação)	Deise Bastos

Feiras e missões internacionais*>>

Mês	Período	Evento	Setores/ Produtos	Cidade/País
Agosto	20 a 27	Missão Prospectiva à Feira Beleza e	Cosméticos	Bogotá / Colômbia
Setembro	23 a 28	Saúde Rodada de Negócios e	Multissetorial	Santa Cruz de La Sierra / Bolívia
Outubro	05 a 09	Feira Expocruz Missão Empresarial à Alemanha – Anuga	Alimentos e bebidas	Cologne / Alemanha

**Sujeito a alterações*

BALANÇO RECORDE

As exportações goianas atingiram o recorde de quase US$ 3,391 bilhões no primeiro semestre deste ano, numa variação de 0,67% em relação ao mesmo período do ano passado, enquanto as vendas externas totais do País recuaram 2,3% em igual período, o que permitiu elevar a participação do Estado nas exportações brasileiras de 2,87% na primeira metade de 2012 para 2,96% neste ano. Com importações de US$ 2,588 bilhões, o saldo na balança comercial de Goiás alcançou igualmente valores históricos, subindo para US$ 802,576 milhões, mas apenas 0,97% acima do resultado acumulado no primeiro semestre do ano passado.

Serviço>>

Centro Internacional de Negócios de Goiás (CIN / FIEG)
E-mail: cin@sistemafieg.org.br
Telefone: (62) 3219-1488
www.cinfieg.org.br

"O sindicato tem de ser ativo e fortalecido. Um sindicato que cumpre de verdade o seu papel (e não se limita a cobrar contribuição e negociar convenções) fortalece a sua federação e, consequentemente, a CNI."

Rafael Lara Martins *é sócio do escritório Rodovalho Advogados, presidente do Instituto Goiano de Direito do Trabalho e consultor de relações trabalhistas da CNI*

AS RELAÇÕES DE TRABALHO COMO FERRAMENTA DE GESTÃO

O empresário lida diariamente com a necessidade de tomar inúmeras decisões que impactam seu negócio. Para fazê-lo bem, submete-se a uma avalanche de informações, muitas vezes em tempo real. Especificamente quando o assunto são as relações de trabalho, as notícias são permeadas de termos específicos, nem sempre simpáticos, como globalização da mão de obra, flexibilização, neoliberalismo (isso ainda existe?), desregulamentação...

E os empresários sábios – desde microempresas até grandes grupos – cercam-se de especialistas das mais diversas áreas para ajudá-los a entender e decidir os mais diversos assuntos do cotidiano, garantindo amparo técnico às suas decisões.

Historicamente, é comum os empresários (e alto executivos) relegar o tema trabalhista para o "segundo escalão". Mas esta visão "excludente" das relações de trabalho e, consequentemente, do Direito do Trabalho em si, tem sido modificada.

A Confederação Nacional da Indústria realizou a pesquisa: "Que tema tem mais impacto sobre competitividade?". De dez itens de uma lista a ser escolhida, o tema Legislação Trabalhista foi marcado por 86% dos empresários.

O custo do emprego no Brasil tem se tornado assustador. E aliado a uma legislação rígida, difícil de ser cumprida e juridicamente insegura, as relações de trabalho têm ocupado cada vez mais espaço nos orçamentos anuais, pautas de reunião e tomadas de decisões. Os grandes grupos já não relegam para "o segundo escalão" decisões que impactam as relações com trabalhadores. Se o custo direto do emprego no Brasil já é assustador, o custo indireto é sufocante. Não mais se admite ao empresário ou executivo "pegar emprestado" soluções encontradas nos noticiários, no vizinho ou a de um grande grupo econômico. As consequências não são somente reclamações trabalhistas individuais. Tem sido comum noticiar-se condenações por danos sociais, multas e TACs de milhares, milhões de reais, envolvendo os maiores grupos do País. Soluções fáceis não são a resposta. Os gestores têm de estar preparados para tomar, juntamente com o profissional de RH, decisões para realizar as adequações externas e as internas na sua empresa. Algumas decisões não podem ser delegadas, mas sim pessoalmente conferidas, medidas e tomadas, com a devida assistência do profissional habilitado.

As relações de trabalho têm de fazer parte da caixa de ferramentas do gestor. Externamente ele deve se envolver diretamente com a busca por alterações legislativas, diminuição da insegurança jurídica, conscientização pública e privada do papel do empresário na sociedade, diminuição do custo Brasil e da burocracia. Isso tudo não se faz sozinho, muito menos dentro de uma sala fechada. A participação em seu grupo de atuação econômica é parte fundamental deste trabalho.

O sindicato tem de ser ativo e fortalecido. Um sindicato que cumpre de verdade o seu papel (e não se limita a cobrar contribuição e negociar convenções) fortalece a sua federação e, consequentemente, a CNI. Somente fortalecidos é que estes atores poderão, junto com o empresário, lutar pelas adequações externas necessárias para modernização das relações de trabalho.

ENSINO SUPERIOR COM A MARCA DA INDÚSTRIA

Implantados há quase dez anos, os cursos de graduação tecnológica oferecidos pelo Senai acompanham evolução do parque industrial goiano

Andelaide Lima

A modernização do processo produtivo passou a exigir dos profissionais maior flexibilidade, qualidade, produtividade e investimento no aprendizado contínuo. Diante dessas demandas, o Senai Goiás consolida sua atuação no ensino superior, ao investir cada vez mais na formação de especialistas e na geração de conhecimento aplicado ao desenvolvimento industrial. Com bons índices de empregabilidade, as quatro graduações tecnológicas oferecidas pela instituição estão alinhadas com as reais necessidades do setor produtivo.

Unidade pioneira da instituição em Goiás, a hoje Faculdade de Tecnologia Senai Roberto Mange, em Anápolis, foi também a primeira a ingressar no ensino superior, em 2004, com chancela do Ministério da Educação (MEC). A graduação tecnológica em processos químicos abriu caminho para implantação, em Goiânia, dos três outros cursos superiores: automação industrial, pela Fatec Senai Ítalo Bologna; redes de computadores e análise de sistemas, pela Faculdade de Tecnologia Senai de Desenvolvimento Gerencial (Fatesg). Na época, as três faculdades passaram por avaliações in loco de comissões formadas por professores da Secretaria de Educação Média e Tecnológica, do MEC, obtendo conceito máximo para organização curricular, corpo docente e coordenação dos cursos, além de infraestrutura.

Em dez anos de atuação no ensino superior, o Senai formou mais de 500 profissionais. Gerente de Educação Profissional do Senai Goiás, o professor Ítalo de Lima Machado explica que os estudos para a implantação da educação superior na instituição remontam ao início da década de 90, com a realização de consultas aos diversos segmentos da indústria goiana. "A pesquisa indicou a necessidade de o Senai atuar nesse nível de ensino, particularmente nos cursos de graduação tecnológica, além dos cursos de pós-graduação lato sensu, ou seja, as especializações. Diferentemente do que ocorre com as faculdades tradicionais, as do Senai atuam em todos os níveis e modalidades de ensino, desde a aprendizagem industrial. O quadro docente, estrutura física e laboratorial, oficinas e bibliotecas das faculdades de tecnologia permitiram a formação de profissionais que seguramente contribuem com o desenvolvimento socioeconômico do Estado", avalia.

Helio Junio Rodrigues, estagiário na Exa Soluções: ponte para o emprego

TEORIA ALIADA À PRÁTICA PROFISSIONAL

Interessado pela área de química desde criança, quando costumava misturar produtos para ver o que acontecia com os experimentos, Santhiago José de Oliveira, de 24 anos, buscou uma profissão que lhe garantisse satisfação pessoal e financeira. Ele optou pela graduação tecnológica em processos químicos e antes mesmo de concluir o curso, em 2011, já trabalhava na GeoLab Indústria Farmacêutica, em Anápolis, onde atuou como auxiliar de produção e técnico de controle de qualidade. Em março, Santhiago aceitou novo desafio e assumiu o cargo de analista de desenvolvimento no laboratório HalexIstar, em Goiânia.

"A graduação tecnológica me trouxe rápido crescimento profissional e pessoal. Graças ao curso e à equipe de docentes da faculdade consegui alcançar grande parte dos meus objetivos", reconhece.

Gerente de qualidade no Laboratório Champion Farmoquímico, em Anápolis, Ciclone Pereira Nunes, de 37 anos, foi contratado pela empresa logo após concluir a graduação tecnológica em química fármaco industrial, em 2008. Antes, ele havia feito na Fatec Roberto Mange cursos de qualificação na área de solda e informática, além da habilitação técnica em química industrial.

"Sempre fiz cursos no Senai por considerar a instituição com bom parâmetro de ensino profissionalizante e importante diferencial que relaciona conhecimento teórico com a prática. As qualificações e a vivência que tive no Senai ajudaram a construir minha carreira."

Santhiago José de Oliveira: graduação tecnológica trouxe rápido crescimento profissional e pessoal

Luiz Alberto do Couto: "Tudo que aprendi na graduação tecnológica eu utilizo no meu trabalho"

PONTE PARA O EMPREGO

Ex-aluno do curso superior em automação industrial, concluído em 2011, Luiz Alberto do Couto, de 22 anos, é responsável pelos laboratórios de engenharia de controle e automação e de engenharia elétrica da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC). "A área de automação é promissora, com bastante espaço no mercado de trabalho para profissionais qualificados. Tudo que aprendi na graduação tecnológica eu utilizo no meu trabalho", conta.

Aluno da graduação tecnológica em redes de computadores, Helio Junio Rodrigues da Silva, de 21 anos, é estagiário na Exa Soluções, onde atua na área de suporte ao cliente. "O curso é uma ponte para o emprego por ser bastante focado na realidade do mercado de trabalho, 90% do que realizo na empresa aprendi na graduação", diz.

DE ALUNOS A EMPRESÁRIOS

Colegas de turma da graduação tecnológica em redes de computadores, concluída em 2009, Diego Roberto e Ivan Luís têm em comum a sociedade na Geoinova – empresa da área de tecnologia da informação, fundada em 2010, em Goiânia. Eles contam que a ideia de abrir o próprio negócio surgiu ainda na faculdade, quando desenvolviam o trabalho de conclusão do curso. "Sempre nos interessamos pela área e, com o aprendizado adquirido na faculdade, percebemos o potencial de crescimento do segmento em Goiás", explica Diego. A Geoinova atua na oferta de soluções na área de tecnologia e no desenvolvimento de aplicações inovadoras para websites, softwares web, móbile e serviços de integração.

"Muito do que é ensinado na graduação tecnológica está alinhado com o mercado de trabalho, cada dia mais competitivo. Essa prática aproxima a instituição do setor produtivo, facilitando o acesso ao emprego. Outro diferencial importante é a qualidade do corpo docente do Senai, formado por professores com mestrado e doutorado."

Outro empreendedor, Cleidson Barbosa da Silva concluiu o curso superior em redes de computadores em 2010, ano em que também montou sua empresa de desenvolvimento de software para a área médica – a Zscan Software. "A ideia de abrir uma empresa já existia, mas, após o curso, tive melhor embasamento para fazer o negócio fluir. A graduação me ajudou a ter uma visão macro do setor de tecnologia da informação."

Diego Roberto e Ivan Luís, sócios na empresa Geoinova: ideia de abrir o próprio negócio surgiu ainda na faculdade Senai

O QUE FAZ O TECNÓLOGO

A graduação tecnológica em processos químicos é destinada a atender às necessidades de expansão do polo industrial farmoquímico de Anápolis, segundo mais expressivo do País. Com duração de três anos, incluindo estágio supervisionado, o curso prepara profissionais para desenvolver atividades na área de química, com formação voltada para a gestão e supervisão de processos de produção de bens e serviços, controle de produtividade e de qualidade; aplicação, realização de pesquisa e inovação tecnológica, difusão de tecnologias e desenvolvimento da capacidade empreendedora.

Já a graduação em automação, estruturada para atender à crescente demanda das indústrias por profissionais especializados, forma recursos humanos com perfil voltado para desenvolvimento e aplicação de conhecimentos científicos e tecnológicos necessários aos trabalhos de pesquisa, planejamento, execução, avaliação, gestão, assistência e assessoria técnica. O tecnólogo em automação industrial atua em vários segmentos industriais como siderúrgicas, têxteis, metalmecânica, mineradoras, plásticos, alimentícias, agroindústria e moveleira.

O tecnólogo em redes de computadores é o profissional capacitado a desenvolver atividades técnicas, científicas e de gestão, capaz de projetar e administrar redes e de configurar e gerir serviços de rede. A atuação abrange empresas provedoras de acesso à internet, de jogos eletrônicos, de manutenção, prestadoras de serviços, escolas e instituições públicas.

O profissional formado no curso superior em análise e desenvolvimento de sistemas está apto a analisar, implantar e manter sistemas computacionais de informação.

VAGAS DE ESTÁGIO SE MULTIPLICAM NO INTERIOR

A percepção da importância da atividade estimula prefeituras goianas a gerar postos de estágio em seus órgãos e, assim, a assistir a população estudantil

Célia Oliveira

Em seis meses deste ano, sete convênios de estágio foram assinados com prefeituras goianas. Mais de 1.500 vagas de estágio colocadas à disposição de estudantes dos níveis médio e superior. Este é o saldo do empenho do Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás), para ampliar as possibilidades de melhor qualificação do universo estudantil no Estado, firmando acordos com administrações municipais, de norte a sul, em raio de aproximadamente 600 quilômetros percorridos pelos responsáveis pela efetivação dos contratos.

Em cada cidade, uma posição comum à administração pública é o entendimento da importância dessa atividade, com abertura de portas ao Programa de Estágio do IEL, vislumbrando, assim, a minimização de gargalos nas áreas social e educacional que envolvem a população juvenil. Com relevante vocação industrial e de serviços, os municípios, por meio das prefeituras, serão assistidos com uma atividade que há décadas é incremento de qualificação ao mercado de trabalho.

A geração de novas oportunidades aos estudantes dessas cidades do interior alia formação profissional e resposta às demandas por parte da administração pública e aquelas de caráter socioeconômico.

PARA MUDAR

Com uma população de 90 mil habitantes (IBGE/2012), Catalão, no Sudeste Goiano, conta com 63 estabelecimentos de ensino e mais de 20 mil alunos, de acordo com dados da Segplan/Sepin (2012). Um universo considerável de jovens a ser aproveitado pelo mercado de trabalho em um município com marcante participação econômica no Estado.

Pensando na forma de mudar o cenário desses jovens, a prefeitura assinou convênio de estágio com o IEL, esperando com a iniciativa um crescimento educacional e fomento social, criando na região condições de segurar capital humano. "Quando se investe em educação, se investe para minimizar as desigualdades, porque a educação resolve problemas de uma cidade, de uma nação, do mundo", considera o prefeito de Catalão, Jardel Sebba. "Nós estamos avançando e dando uma dinâmica para a educação de Catalão", acrescenta.

APOIO DA EDUCAÇÃO

Localizada na Região Metropolitana de Goiânia, Bela Vista de Goiás tem base econômica na agropecuária, destacando-se a produção leiteira e laticínios. De porte pequeno, o município busca desenvolvimento equilibrado entre serviços, setor produtivo e sociedade. Além da prefeitura, o convênio de estágio também envolveu a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL).

Com a união, a administração municipal almeja capacitar os estudantes, dando-lhes, ainda, oportunidade de renda. "Queremos

Antônio Miguel Oliveira: primeiras respostas à falta de mão de obra qualificada em Bela Vista

Narcia Kelly da Silva: "Conheço a responsabilidade de cada parte envolvida neste convênio"

educar os jovens de famílias de baixa renda por meio do estágio", frisa o secretário de Promoção Social, Antônio Miguel Oliveira, conclamando o empresariado local, que vive o drama da falta de mão de obra qualificada, a participar do projeto. "Vemos com o estágio as primeiras respostas para resolver esse problema e, quem sabe, a contratação desses jovens pelo setor produtivo local", afirma.

Durante a assinatura do convênio, o presidente da CDL, Sinomar Felix, destacou a oportunidade de conduzir os jovens para o mundo do trabalho, tirando-os do ócio, por meio de um ato educacional. Para a vice-prefeita, Narcia Kelly da Silva, o convênio chegou em boa hora. "Conheço a responsabilidade de cada parte envolvida neste convênio", salientou.

"Queremos educar os jovens de famílias de baixa renda por meio do estágio".

***Antônio Miguel Oliveira**, secretário de Promoção Social*

ABRINDO PORTAS

Distante 27 quilômetros da capital, Guapó proporciona aos seus mais de 3 mil estudantes (Segplan/Sepin 2012) a oportunidade de conhecer de perto o mercado de trabalho. O prefeito Luiz Juvêncio de Oliveira ofertou cerca de 50 vagas nos órgãos públicos.

Humberto de Oliveira, superintendente do IEL, e o prefeito Fabiano Luiz da Silva, de Nerópolis: 50 vagas para estagiários

De forte produtor de alho, devido às terras férteis, e também de doces, no passado, Nerópolis abriu as portas para a industrialização, contando hoje com cerca de 100 estabelecimentos de todos os portes, conforme aponta o secretário de Indústria e Comércio, Ronaldo Goulart.

Para possibilitar ganhos mútuos entre estudantes, empresas e administração pública, o prefeito, Fabiano Luis da Silva, assinou convênio de estágio com o IEL, abrindo oportunidades a estudantes dos níveis médio e universitário, de acordo com as necessidades do município. Silva salienta que o convênio significa incremento para qualificação dos jovens para o mercado de trabalho.

Inhumas, que se destaca por seu Distrito Industrial com mais 110 empresas e pela exportação de laranja, aderiu ao estágio vislumbrando forte papel social para a cidade ao abrir mais de 150 oportunidades aos estudantes.

Convênios também foram estabelecidos em Ipameri, Goiatuba, Goianira e Jataí.

ENTORNO E CAPITAL

O Entorno do Distrito Federal, região onde está Valparaíso de Goiás, cresce de forma acelerada, em meio à necessidade de qualificar mão de obra. O município tem se tornado opção de investimentos por sua economia baseada no setor de serviços e grandes empresas atraídas pelo potencial econômico e pela posição da cidade.

De uma população de mais de 130 mil habitantes (IBGE), dos quais 36 mil são estudantes (Segplan/Sepin 2012), nas 67 instituições de ensino, a prefeitura de Valparaíso assinou convênio com o IEL, gerando, assim, 200 oportunidades de estágio. A ideia é conectar essa força de trabalho ao futuro, com postura inovadora e agregadora. "Nosso objetivo é possibilitar a experiência prática, complementar a formação teórica-acadêmica, intermediar o ingresso ao mercado e levar a sociedade estudantil a participar da gestão desse governo", esclarece a prefeita Lucimar Conceição do Nascimento.

Também a Câmara de Goiânia viabilizou convênio com o instituto. Durante a assinatura, o presidente do Legislativo municipal, vereador Clécio Alves, deixou claro que estágio é uma obra social e de peso muito grande na vida do estudante e expôs ao superintendente do IEL, Humberto de Oliveira, novos projetos que contemplam a aproximação da casa com a comunidade goianiense.

20 anos abag
Inscrições e Informações
www.abag.com.br/cba

Patrocínio Master

Chevrolet

Patrocínio

ABIMAQ · Banco do Brasil · Bayer CropScience · BM&FBovespa · Caixa · CNH Case New Holland · cooxupé · FINEP · Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação · Brasil País Rico é País sem Pobreza · John Deere · Massey Ferguson · 50 anos Monsanto · OCB Organização das Cooperativas Brasileiras · pwc · safras & mercado · syngenta · Valtra

Transmissão online

safras & mercado

Apoio

abag · inpEV · Governo do Estado São Paulo · Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento · Governo Federal Brasil País Rico é País sem Pobreza

MONTADORAS ACELERAM FORTE

CADEIA AUTOMOBILÍSTICA INVESTE CERCA DE R$ 3,6 BILHÕES, EMPREGA EM TORNO DE 22,2 MIL PESSOAS NO ESTADO E MOVIMENTA QUASE R$ 900 MILHÕES EM IMPOSTOS

continua>>

Lauro Veiga Filho

A indústria automobilística desembarcou em Goiás ainda de forma tímida no final dos anos 1990, atraída pelos incentivos fiscais, que ganharam versão ainda mais agressiva nos últimos meses, e pela perspectiva de descentralizar a produção, em busca de mercados que prometiam maiores taxas de crescimento no interior do Brasil. O processo de expansão do setor ganhou fôlego maior na segunda metade da década passada, com a chegada de novas empresas e a ampliação daquelas já instaladas no Estado.
Mais recentemente, a adoção pelo País de um novo regime automotivo, que penaliza de forma mais dura a entrada de veículos importados e impõe exigências mais severas para a nacionalização da produção, ajudou a acelerar os investimentos no setor e tende a contribuir para consolidar um parque metalmecânico que já envolve, direta ou indiretamente, mais de 2,6 mil empresas, quando considerados também os setores de fabricação de plásticos e de reparação de veículos, e emprega algo em torno de 22,2 mil trabalhadores.
Essa evolução alterou a composição e a estrutura do parque industrial goiano. As montadoras, lideradas no final da década de 1990 pela Mitsubishi Motor Company e pela John Deere e, mais recentemente, pelo grupo Caoa/Hyundai, Suzuki e Foton Lovol Bramax (FLB), saíram de participação modestíssima, equivalente a 0,3% do valor da transformação industrial, para uma fatia que tem variado entre 6,5% e 7,2%.

NOVOS INVESTIMENTOS A CAMINHO

A indústria metalmecânica deverá receber investimentos de R$ 3,622 bilhões entre 2012 e 2015, contemplando 24 projetos de instalação e expansão de empresas, segundo os números mais recentes levantados pelo Instituto Mauro Borges (IMB), ligado à Secretaria de Gestão e Planejamento do Estado (Segplan). Entre outros, o levantamento aponta o investimento de US$ 600 milhões realizado pelo grupo Caoa/Hyundai na expansão de sua unidade instalada no Distrito Agroindustrial de Anápolis (Daia), que passou a montar ali o utilitário esportivo ix35, antes importado da Coreia do Sul.
Segundo a Secretaria de Indústria e Comércio (SIC), os projetos do setor enquadrados nos programas Fomentar e Produzir somam investimentos fixos de R$ 1,5 bilhão, com o compromisso de criação de 4.528 empregos nos próximos anos. Considerando-se apenas as montadoras Mitsubishi, Hyundai, Suzuki, John Deere e Foton, esperam-se investimentos de R$ 1,4 bilhão, em valores aproximados, e abertura de 3.793 vagas.

Apenas as montadoras Mitsubishi, Hyundai, John Deere e Foton deverão investir R$ 1,4 bilhão, gerando quase 3,8 mil empregos

MMC DOBRA SUA PRODUÇÃO EM CATALÃO

Desde quando inaugurou a primeira linha de montagem em Catalão, de onde saíram as primeiras L200 de cabine dupla montadas no País, em 1998, até 2015, a MMC Automotores do Brasil – do grupo Souza Ramos, em associação com o BTG Pactual, que assumiu participação de 12,4% no negócio em 2010 – terá investido na região qualquer coisa em torno de R$ 1,8 bilhão em valores históricos. A fase mais robusta desses investimentos foi iniciada em 2010, com o anúncio do Projeto Anhanguera 2, que prevê investimentos de R$ 1,1 bilhão até 2015 e a contratação de mais de mil funcionários, além dos 3,8 mil atualmente empregados pela montadora.
O pacote, que inclui a instalação da primeira fábrica de motores da marca fora do Japão e de uma nova linha de pintura, contemplando ainda a montagem de novos modelos, deverá permitir que a MMC dobre sua capacidade de produção, hoje limitada a 50 mil unidades por ano exatamente por conta do gargalo no setor

de pintura. Mesmo operando em três turnos, a linha atual não consegue acompanhar o ritmo de produção, daí a necessidade de construir uma nova, com maior capacidade. Para montar a nova área de pintura e colocá-la em operação em 2014, o grupo vai investir R$ 370 milhões. A área construída do complexo de Catalão deverá aumentar de 93,5 mil para 247 mil metros quadrados até 2015, o que nem se compara com os 14 mil m² ocupados pela fábrica em 1998, época de sua inauguração. Caso necessário, ainda haverá espaço de sobra para futuras expansões, já que a MMC ocupa um terreno de 600 mil m² no distrito industrial de Catalão.

Em operação: primeira fábrica de motores da Mitsubishi fora do Japão já está em em pleno funcionamento em Catalão

EM RITMO ACELERADO

O ritmo das obras acelerou-se após o aumento de impostos sobre veículos importados e foi antecipada a chegada às concessionárias da versão nacional do Mitsubishi ASX, importado do Japão pela MMC desde 2010 e agora integralmente montado em Catalão. A empresa espera vender 11 mil unidades do crossover neste ano, já contabilizando 4,7 mil ASX importados até maio, e perto de 15,6 mil no próximo ano. Além da linha dedicada ao ASX, a MMC já concluiu a instalação da fábrica de motores 2.0 que alimenta o crossover e havia realizado, até o final de junho, aproximadamente 75% do investimento total.
Ainda neste ano, deverá ser iniciada a produção do Mitsubishi Lancer, o primeiro sedã a ser montado no complexo de Catalão. Atualmente, a planta produz quatro famílias de veículos, incluindo seis modelos da L200 Triton (HPE, GLS, GLX, HLS, Savana e GL), dois modelos da TR4 (4x2 e 4x4), a Pajero Dakar (com opções a diesel e flex) e dois modelos ASX (4x2 e 4x4). No ano passado, foram emplacados quase 61 mil veículos com a marca Mitsubishi, numa variação de 9% frente a 2011, e espera-se a venda de 85 mil unidades em 2015, quase 40% a mais. Alguns modelos já são exportados para o Mercosul e há planos para exportação do ASX tão logo a empresa consiga suprir toda a demanda doméstica.

Substituindo o importado: versão brasileira do crossover ASX chegou ao mercado no final de junho

NO COMPASSO DO MERCADO

A Suzuki do Brasil, igualmente controlada pelo grupo Souza Ramos e pelo banco de investimentos BTG Pactual, programou um investimento inicial de R$ 150 milhões em sua fábrica, instalada em Itumbiara, onde a empresa produz o jipe compacto Jimny desde novembro de 2012. Mas as operações comerciais no Estado, afirma a empresa, foram iniciadas em 2008. Nos primeiros 12 meses de produção, as vendas do Suzuki Jimny estão projetadas em 2 mil unidades e a montadora espera crescimento gradativo de suas operações no Sul de Goiás, acompanhando o desenvolvimento do mercado.

PACOTE COMPLETO PARA O PRODUTOR

A John Deere investiu em torno de R$ 60 milhões para ampliar sua fábrica em Catalão e acomodar a linha de produção de pulverizadores, que entrou em operação no ano passado como parte de um projeto de nacionalização iniciado ainda em 2007. O primeiro modelo produzido pela unidade a chegar ao mercado foi o 4730, um pulverizador autopropelido até então importado pela empresa. Em maio deste ano, a fabricante iniciou a montagem do modelo 4630, também em Catalão, segundo Leo Marobin, gerente geral da fábrica.

A expansão faz parte da estratégia da John Deere para consolidar sua participação no mercado brasileiro, de acordo com Marobin, e permitiu à companhia ampliar o portfólio de produtos fabricados no País, oferecendo um pacote integrado de máquinas e implementos aos clientes em todos os segmentos do agronegócio. "Os pulverizadores eram os únicos produtos das Soluções Integradas John Deere ainda não produzidos no Brasil", afirma Marobin. "Isso vai permitir que os produtores tenham acesso a financiamentos via Finame", acrescenta.

Ainda com o nome Cameco do Brasil, a fábrica de colhedoras de cana de Catalão foi inaugurada em 1999, num investimento à época de US$ 40 milhões. As máquinas, até então, eram produzidas pela fábrica da Cameco Industries, que mantinha uma linha de produtos exclusiva para cana-de-açúcar em Thibodaux, no Estado de Louisiana, nos Estados Unidos. Um ano antes, a Deere & Company, dona da John Deere Brasil, já havia adquirido o controle global da Cameco e, em outubro de 2002, foi a vez da subsidiária brasileira assumir integralmente a operação da Cameco no sudeste de Goiás. Hoje, a planta de Catalão, única a fabricar colhedoras de cana fora dos EUA, ocupa uma área de 22 mil m², gerando 700 empregos diretos e mais de 300 de forma indireta, conforme Marobin.

Investimento: unidade da John Deere em Catalão iniciou montagem da versão 4630 de seu pulverizador autopropelido em maio deste ano

Na linha de montagem: colhedoras de cana em fase de produção na planta do grupo no Sudeste do Estado

FABRICANDO MÁQUINAS PESADAS

Resultado da associação entre a Foton Lovol Heavy Industries, uma das maiores fabricantes de máquinas para movimentação de terra da China, com a paranaense Bramax, com sede em Campo Largo (PR), a Foton Lovol Bramax (FLB) investe R$ 50 milhões para instalar a primeira etapa de sua fábrica no Distrito Agroindustrial de Anápolis (Daia). Com inauguração prevista para o final deste ano, a unidade deverá produzir 1,2 mil unidades por ano, entre máquinas pesadas e equipamentos como retroescavadeiras, escavadeiras e compactadores de solo, motoniveladoras e outras modalidades de equipamentos rodoviários e de construção.

Estão previstas ainda mais duas etapas, que deverão ser entregues até 2015, quando a empresa deverá empregar 400 pessoas e investir, no total, perto de R$ 150 milhões, ocupando uma área de 7 mil m².

INOVAÇÃO E NACIONALIZAÇÃO

O Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) aprovou, no final de junho, a habilitação definitiva da Caoa Montadora de Veículos S.A. no Programa de Incentivo à Inovação Tecnológica e Adensamento da Cadeia Produtiva de Veículos Automotores (Inovar-Auto). Válida por 12 meses, a habilitação poderá ser renovada anualmente até 2017, quando termina o prazo de vigência do novo regime automotivo. O programa dá direito a montadores, importadoras e novos investidores no setor automobilístico de apurar crédito presumido do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) sobre os veículos que cumprirem as exigências do Decreto n° 7.819/12, que estabeleceu o Inovar-Auto, em vigor desde janeiro deste ano.
No caso de fabricantes de automóveis e veículos comerciais leves, as empresas terão de comprovar, neste ano, a realização de 8 etapas produtivas de um total de 12, incluindo soldagem, fabricação de motor, montagem de sistema elétrico, tratamento anticorrosivo e pintura, fabricação de caixa de câmbio e transmissão, e montagem de sistemas de direção e suspensão e outros. O número de etapas exigidas aumentará gradativamente até o final do programa.

TUDO PRONTO PARA O DESEMBARQUE

A paulista Usimor aguarda apenas o sinal verde da Mitsubishi para colocar em Catalão uma planta com os mesmos recursos tecnológicos instalados em sua matriz, na cidade de Jarinu, próxima a Jundiaí, em São Paulo. Há 27 anos no mercado, a empresa, na verdade, já opera desde 2012 uma filial construída no sudeste de Goiás, responsável pela venda e distribuição de seus produtos. O prédio de 7 mil metros quadrados recebeu investimentos de R$ 4 milhões, relata José Carlos Silva, presidente da Usimor.
Mais R$ 12 milhões deverão ser ainda investidos na aquisição e instalação de equipamentos de corte, dobra e solda, que vão produzir peças usinadas para a fábrica do grupo Souza Ramos. A programação inicial prevê o começo da operação de usinagem por volta do início de 2014. "Provavelmente no sexto ou sétimo mês após o início da atividade, faremos a implantação de uma linha de pintura", antecipa Silva.
Todo investimento será realizado com recursos gerados pelo caixa da Usimor, que espera realizar faturamento anual entre R$ 20 milhões e R$ 30 milhões em sua planta catalana. A ideia é ficar mais próxima de seu principal cliente e ainda buscar novos clientes na região, como a John Deere, Hyundai e ainda a Suzuki, com a qual a empresa já trabalha em São Paulo.
A Usimor atende, entre outros, aos setores ferroviário, automotivo, naval, de construção civil, agrícola, embalagens metálicas, mecânico, eletroeletrônico, utilidades domésticas, máquinas, equipamentos, oferecendo serviços de corte a laser e a plasma, estamparia, dobra, solda robótica, caldeiraria, ferramentaria e usinagem.

Corte a laser: Usimor programa investimentos de R$ 12 milhões em equipamentos para sua planta próxima à Mitsubishi

EMPREGOS E CAPACITAÇÃO

Atualmente, a Usimor emprega 120 pessoas e espera contratar mais 80 apenas para iniciar a produção em Goiás. No sexto mês, a unidade de Catalão deverá abrigar 180 funcionários, contratados preferencialmente na própria região. Para isso, a indústria tem mantido contatos com o Senai Goiás em busca de parceria para a realização de cursos de capacitação em tecnologia CNC (controle numérico computadorizado). A qualificação, de acordo com José Carlos Silva, será realizada dentro da empresa pelo pessoal do Senai, utilizando o parque de máquinas da própria indústria.

FALTA MÃO DE OBRA NA REPARAÇÃO

O avanço da indústria automobilística em Goiás trouxe ganhos e também preocupação para o setor de reparo de veículos. "De fato, o impacto foi positivo, mas passamos a enfrentar dois grandes problemas que têm impedido o crescimento do nosso setor", avalia Ailton Aires Mesquita, presidente do Sindicato das Indústrias de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás (Sindirepa-GO).

O primeiro deles veio com a rápida evolução da eletrônica embarcada nos novos modelos, o que gerou tendência de especialização das empresas de reparos em marcas específicas, além de obrigar os centros automotivos a fazer grandes investimentos em máquinas e equipamentos. "Um centro automotivo de primeira linha precisa investir no mínimo R$ 1 milhão apenas em maquinários, sem contar instalações e edificações", estima Mesquita.

A falta de mão de obra especializada, da mesma forma, cria obstáculos ao crescimento do setor de reparação, que estaria enfrentando atualmente déficit de pessoal estimado entre 30% e 40% pelo presidente do Sindirepa. "Aqui na Retífica Cometa (empresa presidida por Mesquita), estamos hoje com cinco vagas em aberto e não conseguimos contratar pessoal qualificado", acrescenta.

Ailton Aires Mesquita: um centro automotivo de primeira linha precisa investir pelo menos R$ 1 milhão em maquinário

PERDA DE FATURAMENTO

A receita da indústria de reparação de veículos recuou 5% no ano passado e Mesquita prevê retração de 10% a 15% neste ano. "As vendas de veículos de fato cresceram, mas as concessionárias oferecem garantias de até seis anos aos compradores, que por isso continuam 'amarrados' às revendas", diagnostica Ailton Aires Mesquita. Ele acrescenta, em sua análise, a concorrência desleal dos ferros-velhos, que conseguem praticar preços em torno de 10% a 20% dos valores em vigor no mercado legalizado.

UM CICLO AINDA INCOMPLETO

O setor de metalurgia percebeu crescimento do mercado no primeiro momento após o desembarque das montadoras no Estado, mas esse desempenho tem sido mais modesto numa fase mais recente, segundo o presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás (Simelgo), Orizomar Araújo de Siqueira. "Até onde temos informação, não houve qualquer acréscimo na produção e nas vendas, mas sim redução, especialmente de fevereiro para cá", assinala.

Em sua avaliação, os resultados têm sido inferiores ao esperado nos últimos 12 meses ou mais, embora as vendas de automóveis e outros veículos tenham crescido. Esperava-se ainda, acrescenta Siqueira, que as montadoras conseguissem atrair um parque de indústrias fornecedoras de peças e acessórios, os chamados "sistemistas", o que ocorreu de forma muito acanhada. "Talvez o debate sobre o futuro dos incentivos fiscais tenha afetado os investimentos nesse segmento", arrisca-se. O setor metalmetalúrgico, conforme descreve o presidente do Simelgo, reúne mais de 450 indústrias, considerando apenas aquelas cadastradas no sindicato, gerando acima de 40 mil empregos no Estado, com maior relevância para a indústria de estruturas metálicas, portas, venezianas e outros acessórios para o setor da construção civil.

IMPACTO REDUZIDO NO SETOR DE PLÁSTICO

A indústria do plástico e as montadoras recém-desembarcadas em Goiás ainda terão de encontrar alguma forma para promover o desenvolvimento de um segmento dedicado à produção de autopeças com capacidade e agilidade para atender ao mercado. Por enquanto, esse parque ainda não existe. "Não sei qual o caminho, mas as montadoras também terão de oferecer condições para que essa indústria floresça no Estado, desenvolvendo esforços para que o setor possa se preparar para atender à demanda futura", afirma o presidente do Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás (Simplago), Olympio José Abrão.

Em sua análise, o impacto dos investimentos já ocorridos ou em fase de realização pelas montadoras de veículos em Catalão, Anápolis e Itumbiara certamente foi importante para aqueles municípios, mas muito tímido em relação à indústria de transformação de plástico como um todo. "O Simplago vem buscando desenvolver um trabalho para formação e desenvolvimento de indústrias que possam suprir as necessidades das montadoras, em escala e qualidade. Mas esse é um trabalho que exige tempo e apoio das próprias fabricantes", arremata Abrão.

"Não sei qual o caminho, mas as montadoras também terão de oferecer condições para que essa indústria (de autopeças) floresça no Estado"

***Olympio José Abrão**, presidente do Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás (Simplago)*

EM BUSCA DE FORNECEDORES

No projeto de ampliação da Mitsubishi em Catalão, uma área de 50 mil m² foi reservada para receber fornecedores de peças, acessórios e componentes. Inicialmente, a empresa pretendia atrair uma dezena de fornecedores, talvez 15, com objetivo de reduzir custos logísticos, especialmente no caso do suprimento de componentes. O ganho de escala a ser alcançado pelo complexo deverá facilitar a atração desses fabricantes, hoje concentrados nas regiões Sul e Sudeste, encurtando distâncias e racionalizando o fluxo de produção.

PRODUTIVIDADE TAMBÉM DISPARA

Refletindo a participação crescente das importações de bens acabados, o valor bruto da produção (VBP) avançou num ritmo mais intenso do que o valor da transformação industrial (VTI), com o primeiro multiplicado em 164,6 vezes e o segundo, "apenas" em 103 vezes. Isso fez com que a relação entre o valor da transformação e o valor bruto da produção industrial recuasse de 47,7% para 37,2%. Entre 2001 e 2011, enquanto o VBP avançou de R$ 26,093 milhões para R$ 3,523 bilhões, o VTI saiu de R$ 12,435 milhões para R$ 1,309 bilhão – o que significou passar de apenas 0,07% do total no País para 1,41%.

O novo perfil do setor automotivo em Goiás>>

Variáveis	2001	2011	Participação (Goiás/Brasil) 2001	Participação (Goiás/Brasil) 2011
Número de unidades locais	73	102	2,55%	2,33%
Empregos	1.188	7.024	0,43%	1,31%
Salários (R$ milhões)	6,246	188,566	0,10%	0,82%
Receita líquida das operações industriais (R$ milhões)	26,102	3.983,0	0,05%	1,72%
Custos da operação industrial (R$ milhões)	13,658	3.013,3	0,04%	2,07%
Valor bruto da produção (R$ milhões)	26,093	4.294,2	0,05%	1,82%
Valor da transformação industrial (R$ milhões)	12,435	1.280,9	0,07%	1,41%
Produtividade (VTI/empregado, em R$ mil)	10,467	226,897	15,1%	107,5%

Fonte dos dados brutos: PIA Empresa/IBGE

RECEITAS E CUSTOS EXPLODEM

O total de unidades instaladas no setor de fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias em Goiás cresceu quase 40% entre 2001 e 2011, período mais recente da Pesquisa Industrial Anual (PIA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), saindo de 73 para 102 empresas, passando a representar 2,3% do total de montadoras do País.

Mas o total de empregos gerados pelo setor cresceu quase cinco vezes, superando a média brasileira, que registrou elevação de 94,7% no período. Em Goiás, as montadoras passaram a empregar 7.024 pessoas em 2011, frente a 1.188 funcionários em 2001, o que representou a contratação de 5.836 novos empregados. As receitas líquidas relacionadas às atividades industriais, assim como os custos da operação industrial, cresceram exponencialmente, saltando de R$ 26,102 milhões para R$ 3,433 bilhões, no primeiro caso, e de R$ 13,658 milhões para R$ 2,213 bilhões. A relação entre custos e receitas, que havia sido de 52,3% em 2001, abaixo da média brasileira (65,9%), alcançou 64,5%, superando a média do País, que recuou para 62,95%.

Para compensar, a produtividade do trabalhador goiano cresceu mais rapidamente do que a média brasileira, pulando de R$ 10.467 para R$ 182.356. Lá atrás, a produtividade do empregado goiano representava apenas 15% do valor gerado pelos trabalhadores na fabricação de veículos no País. Em 2011, a produtividade goiana já era 7,5% mais alta que a média brasileira.

O PESO DAS IMPORTAÇÕES

As importações de veículos, suas partes e acessórios, que representavam 26% das compras externas totais de Goiás em 2002, quando o Estado importava apenas US$ 326,7 milhões, saltaram para o correspondente a 45,9% em 2011, somando US$ 2,627 bilhões, frente a menos de US$ 85 milhões no início da década passada. Considerando-se apenas automóveis de passageiros, as compras avançaram de US$ 53,361 milhões para US$ 2,031 bilhões. Esse movimento talvez explique a queda no valor da transformação industrial do setor em 2011. No ano seguinte, com as restrições criadas pelo governo brasileiro, as importações de veículos e acessórios caíram para US$ 1,777 bilhão, num tombo de 32,4%. As compras de automóveis de passageiros encolheram 44,4%, para US$ 1,129 bilhão.

Vinte e uma vezes mais>>

(Salto nas compras externas de veículos, peças e acessórios, valores em US$ milhões)

Variáveis	2002	2012
Exportação	1,907	6,783
Importação	84,993	1.777,1
Saldo	-83,086	-1.770,3

Fonte: Sistema Aliceweb/Secex

ALTOS (E BAIXOS) NA ARRECADAÇÃO

A arrecadação do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) no setor de veículos e peças, incluindo os setores de fabricação, comércio atacadista e varejista e de reparação, cresceu mais de quatro vezes entre 2003 e 2012, variando de R$ 201,967 milhões para R$ 861,845 milhões. A participação do segmento na receita total do imposto no Estado avançou de 5,46% para 7,58%.

Mas essa fatia havia sido mais gorda em 2011, correspondendo a pouco mais de 9% do ICMS total. Numa fase de crescimento exuberante das vendas de automóveis, a arrecadação do setor, que havia alcançado R$ 889,987 milhões naquele ano, recuou 3,2% no ano passado, já que o governo do Estado decidiu estender a todas as montadoras, no final de 2011, o mesmo benefício que já favorecia desde abril de 2010 os fabricantes enquadrados no Produzir.

Sob a forma de crédito outorgado, o benefício corresponde a 98% do valor do saldo devedor do imposto correspondente à saída de mercadorias não abrigada pela aplicação do incentivo e ainda a 93,33% da parcela igualmente não incentivada.

Desempenho fiscal>>

(Arrecadação de ICMS total e no setor automotivo, valores em milhões)

Setores	2003	2011	2012	Variação (2012/2011)	Variação (2012/2003)
Automotivo	201,967	889,987	861,845	-3,2%	+326,7%
Fabricação de veículos e peças	86,826	511,378	483,805	-5,4%	+457,2%
Comércio de veículos e peças	85,781	326,696	322,056	-1,4%	+275,4%
ICMS total	3.698,7	9.875,2	11.369,3	+15,1%	+207,4%
Participação do setor automotivo na receita total	5,46%	9,01%	7,58%	-	-

Fontes dos dados brutos: Sefaz e Boletim do ICMS (Cotepe/Confaz)

William Aquino, da MMC: participação ativa no Projeto de Desenvolvimento Territorial

PARCERIA TECNOLÓGICA

Lançado em 2009 pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o Programa de Apoio às Iniciativas de Competitividade Local, também denominado Projeto de Desenvolvimento Territorial (PDT), tem desenvolvido ações de estímulo à competitividade em setores considerados estratégicos para Estados de quatro regiões pré-definidas, envolvendo as cadeias automotiva, em Goiás, metalmecânica, em Pernambuco, e arranjos produtivos locais nos setores de madeira e móveis, no Acre, e de rochas ornamentais no Espírito Santo.

Numa parceria com a Fieg, apoio do governo estadual e participação das grandes empresas do setor no Estado, a vertente goiana do programa, segundo Michele Mamede Faiad, da CNI, deverá contribuir para estruturar "uma rede de oferta de serviços tecnológicos em metalmecânico, que poderá servir de plataforma para a expansão quantitativa e qualitativa do setor automotivo", prevendo-se ainda a instalação de um parque de fornecedores integrados às montadoras. Como efeito indireto, prossegue ela, espera-se igualmente o fortalecimento das cadeias produtivas da agroindústria, onde "os serviços de tecnologia metalmecânica poderão atuar transversalmente".

Segundo William Nunes de Aquino, gerente de qualidade da MMC Automotores do Brasil, a empresa iniciou ainda em 2009 um "forte planejamento estratégico" tendo como foco o desenvolvimento tecnológico e a capacitação de mão de obra especializada principalmente em Catalão. "Com o Instituto Senai de Tecnologia próximo à indústria, reduzimos custos logísticos e fomentamos o desenvolvimento em pesquisa e inovação", observa Aquino. "Estamos acompanhando, participando e contribuindo no Projeto de Desenvolvimento Territorial do segmento automotivo goiano, já que acreditamos que, desta maneira, continuaremos ajudando no desenvolvimento de toda a região", acrescenta ele.

Dentro (e fora) da piscina: natação está entre as 14 modalidades incentivadas pelas indústrias, em parceria com o Sesi

ESPORTES E GANHOS DE PRODUTIVIDADE

Indústrias de setores diferentes investem em projetos associados a práticas esportivas, trazendo mais qualidade de vida para o empregado e maior rendimento na produção

Edilaine Pazini

Serviços do portfólio do Sesi destinados a promover a qualidade de vida dos colaboradores das indústrias têm demanda crescente em Goiás, diante da constatação pelas organizações do retorno do investimento na forma de aumento da produtividade e competitividade, além de maior visibilidade no campo da responsabilidade social.

Empresas como Votorantim Metais, de Niquelândia, Mitsubishi, de Catalão, Prometálica Mineração Centro-Oeste, em Americano do Brasil, Minerva Alimentos S/A, em Palmeiras de Goiás, Caramuru Alimentos, em Itumbiara, e Sama Minerações Associadas, em Minaçu, dão exemplo com diferentes projetos, sobretudo na área de esportes. Com gestão do Sesi, Jogos Internos das Indústrias são realizados, em sua maioria, nas dependências das próprias empresas e envolvem toda a família do colaborador.

Jogos internos da Votorantim Metais, em Niquelândia: segundo edição mobiliza 756 trabalhadores

Em Niquelândia, na Região Norte de Goiás, a Unidade Integrada Sesi Senai realizou em maio a 2ª edição dos Jogos Internos da Votorantim Metais, parceira das instituições em vários projetos, inclusive na implantação da unidade. Durante seis dias, as competições, no Clubinho da Vila Macedo e no Sesi Clube de Niquelândia, mobilizaram 756 trabalhadores da mineradora de ferro-níquel, em14 modalidades esportivas: corrida de rua, dama, dominó, futebol, futebol sete máster, futsal, natação, peteca, sinuca, tênis de mesa, truco, vôlei de areia, voleibol e xadrez. O evento incentiva a melhoria da qualidade de vida, ao focar o clima organizacional e o desenvolvimento das competências de gestores e colaboradores por meio da promoção dos valores do esporte, como formação do espírito de equipe, disciplina, comprometimento, respeito, união e motivação.

PARA TODA A FAMÍLIA

Na Mitsubishi Motors, em Catalão, no Sudeste Goiano, os Jogos Internos reuniram, durante quatro dias, mais de 400 colaboradores em 15 modalidades esportivas e contaram com atividades para toda a família dos trabalhadores da montadora, como educação continuada, gincana infantil e show.

Na opinião do gerente de Recursos Humanos da montadora, Hélio Andrade, o maior benefício, além de contribuição para uma vida mais saudável com a prática de esportes, é a integração entre os empregados. "Podemos notá-la na preparação dos jogos, nas competições e na cerimônia de premiação", diz.

Andrade observa que houve, nos jogos, participação de colaboradores de todos os níveis (operacionais e administrativo) em diversas modalidades, o que, segundo ele, prova que a meta foi alcançada. "Os Jogos Internos da MMCB já fazem parte do calendário anual de eventos da empresa. Outro exemplo da preocupação da empresa com a qualidade de vida é o Programa Ginástica Laboral, conduzido em parceria com o Sesi desde 1998 e que traz diversos benefícios aos nossos empregados."

SAÚDE E RESPONSABILIDADE SOCIAL

Em Americano do Brasil, na Região Oeste Goiano, a Prometálica Mineração Centro-Oeste, que explora níquel e cobre, aposta no seu Sistema de Gestão Integrado, cujos principais focos são saúde, segurança do trabalho, qualidade do meio ambiente e responsabilidade social, áreas de atuação do Sesi trabalhadas na empresa.

Em maio, em programação desenvolvida no Dia do Trabalho, 200 colaboradores da Prometálica participaram de um torneio de futebol soçaite, realizado no Clube de Pesca de Americano do Brasil. A festa de encerramento envolveu familiares dos trabalhadores, com atividades como massagem quick, confecção de carteira social do Sesi, torneio de truco, recreação, brinquedos infláveis (futebol de sabão e piscina de bolinhas), cama elástica e sorteio de brindes (tablet e bicicletas).

Analista de Recursos Humanos da empresa, Mirrally Martins Barros ressalta a importância da parceria com o Sesi para a valorização dos colaboradores. "Um dos objetivos foi promover a qualidade de vida dos funcionários, familiares e a interação entre colegas e gestores." Satisfeita com o alcance da meta, Mirraly já fala em repetir a atividade. "Até mesmo porque foi um evento que teve um bom aproveitamento e desenvolvimento entre as equipes."

A mineradora conta com o Sesi também para a realização da Semana Interna de Prevenção de Acidentes no Trabalho (Sipat) na empresa, com atividades de teatro e palestras.

INTEGRAÇÃO NO AMBIENTE DE TRABALHO

Em Palmeiras de Goiás, também na Região Oeste Goiano, o Sesi organizou, de 23 de março a 1º de maio, a Copa Minerva Foods de Futebol Soçaite, evento do frigorífico Minerva Alimentos que reuniu mais de 250 funcionários. A competição foi realizada no Clube da Copal e contou com 16 equipes de diferentes setores da produção e escritório da empresa.

Segundo o gerente de Recursos Humanos do frigorífico Minerva, Bruno de Lima Damacena, os resultados superaram a expectativa com a realização da competição, cujos objetivos principais eram a integração entre os funcionários dos diversos setores e a contribuição com a qualidade de vida dos participantes.

Pelo sucesso, a empresa já planeja novas atividades envolvendo o esporte. Além da integração entre os colaboradores, Damacena aponta a grande participação da família dos trabalhadores e da comunidade em geral. O empenho da empresa na área de esportes repercute entre os colaboradores. Auxiliar de rastreabilidade do frigorífico, Paulo César de Souza, de 23 anos, conta que, apesar dos jogos terem sido bastante competitivos, as equipes se uniam nos intervalos e foram muito leais umas com as outras. "Tive a oportunidade de conviver com colegas que ainda não conhecia muito bem e participar de atividades esportivas, já que na nossa cidade não temos muitas opções de lazer", expõe.

Copa Minerva Foods de Futebol Soçaite: resultados superam expectativa da empresa

Planos para o futuro: Minerva pretende adotar a ginástica para todos os seus 1,8 mil empregados

GINÁSTICA PARA TODOS

A meta, daqui para frente, é envolver todos os 1,8 mil colaboradores do Minerva Alimentos no projeto. Para isso, o gerente de RH observa que a ginástica laboral, depois de um ano, voltará a ser praticada, em parceria com o Sesi Goiás, a partir de julho de 2013. Um torneio de futebol de salão para os colaboradores e um campeonato de futebol para os filhos dos funcionários do frigorífico no Dia das Crianças também já estão marcados.

Para Bruno Damacena, a utilização de diversos serviços do Sesi, principalmente aqueles efetuados no próprio local de trabalho, "tem imensuráveis efeitos positivos na vida dos funcionários e obviamente repercute na solidez da empresa."

Os colaboradores do frigorífico também contam com uma biblioteca com um acervo de 600 livros e 10 computadores, utilizados para auxiliar na inclusão digital, e têm acesso à Educação de Jovens e Adultos (EJA), com turmas formadas dentro da própria empresa.

OUTROS SERVIÇOS DO SESI

Atividades em lazer, saúde, esporte, educação, cultura e responsabilidade social formam um cardápio de serviços que o Sesi, ao longo de 60 anos de atuação em Goiás, oferece às indústrias para promover a qualidade de vida dos trabalhadores e estimular uma gestão socialmente responsável. Para tanto, a instituição do Sistema Fieg conta com unidades móveis e fixas para tratamentos odontológicos, atividades esportivas e culturais, cursos de educação alimentar, ações educativas e preventivas em saúde e segurança no trabalho, além da ginástica na empresa e educação básica com salas de aulas dentro do ambiente de trabalho, tudo em parceria com as indústrias.

As empresas interessadas em contratar os serviços do Sesi Goiás podem procurar a Assessoria de Relações com o Mercado para maiores informações, pelo telefone (62) 3219-1741.

Tecnologia alemã

O presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, participou da missão brasileira à Alemanha, onde conheceu de perto as tecnologias e inovações do Instituto Fraunhofer, que desenvolve anualmente cerca de 180 projetos, com valores que variam de 3 mil a 3 milhões de euros, para pequenas, médias e grandes empresas. Durante a visita ao Fraunhofer IPT, em Berlim, a delegação brasileira conheceu o trabalho de uma empresa média de logística, que contratou o instituto para desenvolver uma bateria veicular que carregasse em menos tempo. Hoje, já há dois caminhões em teste que, após 12 horas de carga, atingem autonomia para 120 quilômetros. Também na Alemanha, Pedro Alves assistiu à 42ª edição do WorldSkills, copa do mundo da educação profissional, realizada em Leipzig, onde o Brasil, representado pelo Senai, ficou em 5º lugar.

Logística anapolina em pauta

O desenvolvimento logístico em Anápolis e, de forma geral, em Goiás passa a receber o apoio da recém-fundada Associação dos Gestores e Profissionais de Logística de Anápolis, presidida por Aroldo Ferreira dos Santos, que começa a atuar para fortalecer a formação profissional e conhecimentos na área, além de alinhar e padronizar informações que influenciam diretamente no trabalho. O presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, recentemente reuniu-se com Santos em seu gabinete, na Casa da Indústria, acompanhado de parte da diretoria da associação. Na ocasião, discutiram tendências de crescimento regional e nacional e o papel da logística nesse cenário, enfatizando a necessidade de constante aprimoramento dos profissionais da área.

Parceria com Abimaq

O diretor de Relações Institucionais da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Marcio Ribaldo, reuniu-se no início de julho com presidente em exercício da Fieg, Wilson de Oliveira, na Casa da Indústria, em Goiânia. Na pauta, parcerias futuras entre as duas instituições.

Em obras

A Fieg assinou, em 27 de junho, contrato com a empresa Dínamo Engenharia para a construção de seu novo edifício sede, ao lado da Casa da Indústria, na Vila Nova, em Goiânia. No total, serão 7,5 mil metros quadrados de construção, com previsão de entrega em 12 meses.

Fatia maior

O valor da transformação industrial cresceu praticamente quatro vezes em Goiás entre 2002 e 2011, alcançando R$ 19,823 bilhões, correspondendo a uma participação de 2,14% no total da indústria brasileira. No início da década, com um valor de R$ 5,078 bilhões, essa fatia era de 1,52%

Evolução da indústria em Goiás>>

(Unidades locais com cinco ou mais empregados)

Variáveis	2002	2011	Participação (2002)	Participação (2011)
Número de unidades locais	4.167	6.486	2,78%	3,28%
Pessoal	119.929	231.094	2,19%	2,84%
Valor da transformação industrial (R$ milhões)	5.078,25	19.823,16	1,52%	2,14%
VTI/Empregado (R$ mil)	42,244	85,780	69,11%*	75,41%*

(*) Relação entre a produtividade média do trabalhador na indústria goiana e o mesmo indicador na indústria brasileira
Fonte: PIA Empresas/IBGE

BARATO E ECOLÓGICO

Sistema de tratamento de efluentes desenvolvido pela Ecoforte adota processos ambientalmente sustentáveis, além de reduzir custos de instalação e manutenção

No mercado há cinco anos, a goiana Ecoforte Inteligência Ambiental desenvolveu um sistema avançado e ecológico para tratamento de efluentes, com eficiência superior às tecnologias mais convencionais utilizadas nesta área e a custos mais baixos de instalação e manutenção, segundo afirma a empresária Mônica Nadler Prata, uma das sócias da empresa. "Nossa missão é desenvolver e aplicar tecnologias de desenvolvimento sustentável, oferecendo aos clientes serviço de qualidade, com projetos que visam à preservação ambiental", afirma.

Com fábrica instalada em Aparecida de Goiânia, a Ecoforte tem capacidade instalada para produção de 200 tanques sépticos por mês, chegando a empregar 20 funcionários em períodos de maior demanda. Produzidas em polietileno, o que assegura resistência e leveza ao produto final, as fossas têm capacidade em média para 2 mil litros de esgoto, permitindo o tratamento totalmente biológico e anaeróbico de efluentes residenciais e industriais, com aplicações ainda em canteiros de obras em edificações e até em estradas devido à facilidade de relocação do sistema.

Mônica Prata: alternativa de baixo custo e elevada eficiência na gestão de resíduos líquidos

A empresa, relata Mônica, desenvolveu um reator anaeróbio de fluxo ascendente, basicamente um conjunto formado por um biorreator e um biofiltro, que podem vir integrados em uma única fossa ou separados em dois tanques. Ao contrário dos sistemas construídos em alvenaria, o produto não só previne vazamentos como evita riscos de desabamento. "Além do mais, não ocorre tratamento algum com a fossa de alvenaria", argumenta.

O processo desenvolvido pela empresa utiliza microrganismos, que sobrevivem em ambientes sem oxigênio, para decomposição do esgoto, com remoção pelo biorreator de 40% a 50% de DBO (demanda bruta de oxigênio) e eficiência de 80% a 90% na estabilização dos efluentes no biofiltro. Em outro diferencial, o sistema pode utilizar, além de britas, garrafas PET como meio filtrante, evitando que esse tipo de material seja descartado de forma incorreta, o que compromete as redes urbanas de captação de água pluvial e ameaça os mananciais nas cidades e no campo.

A empresa tem concentrado sua atuação em condomínios residenciais, pousadas, fazendas e chácaras em Goiânia, Aparecida de Goiânia, Pirenópolis e Bela Vista, além de atender empresas como a QG Pastéis, Egesa Empreendimentos, Copel Recicláveis, Ecoblending, SIM Engenharia e Renove Gestão e Soluções em Resíduos – estas duas últimas, parceiras da Ecoforte nas áreas técnica e comercial. A produção deverá ganhar fôlego renovado neste segundo semestre, com a normalização do fornecimento de polietileno e de gás para a unidade de rotomoldagem, onde os tanques são fabricados.

DE GUAPÓ PARA O MUNDO

Trajetória da Coming é marcada por prêmios ambientais, reconhecimento internacional e crescimento constante em mais de 30 anos de mercado

Maior exportadora de couros do Estado e uma das dez maiores no País, respondendo por algo em torno de 9,5% dos volumes de couros wet blue exportados pelo Brasil, a Coming Indústria e Comércio de Couros Ltda. iniciou sua trajetória ainda com uma simples salgadeira de couros instalada em 1982 em Guapó. "Comprávamos couros verdes em frigoríficos de todo o Estado e salgávamos as peças na matriz", lembra Emílio Bittar, um dos criadores da empresa, juntamente com Márcio Brasil Bittar e Mário Bittar Filho.

Com visão estratégica e foco no negócio, a Coming veio crescendo ano a ano desde então, acelerando seu processo de industrialização até dominar a fase do wet blue, arrendando um curtume em Anicuns e, mais tarde, outro em Nazário. "Ampliamos as vendas para todo o País e alcançamos o mercado internacional", relembra Emílio Bittar. Os principais desafios, diz ele, foram a "falta de incentivos para o setor, tanto fiscais quanto de financiamentos a taxas de juros adequadas e prazos mais longos para a modernização do parque produtivo."

Isso não impediu que a empresa continuasse seu avanço, modernizando sua operação, ampliando sua capacidade e a inserção no mercado internacional, prossegue Bittar. Em dezembro de 2000, numa decisão da diretoria da companhia, a Coming adquiriu o Curtume Vilas, em Trindade, onde a empresa mantém hoje sua principal operação. Ainda de acordo com Bittar, o curtume recebeu investimentos em novas máquinas, nacionais e importadas e ganhou novas instalações físicas.

Além disso, a estação de tratamento de efluentes foi completamente reestruturada, o que permitiria à empresa conquistar, mais à frente, prêmios ambientais pela excelência dos processos implantados nessa área. Num exemplo dos avanços realizados, o sistema de gestão ambiental da Coming recebeu no ano passado o certificado ouro do Leather Working Group (LWG), depois de passar pela auditoria da empresa londrina Leather Technology Centre (BLC).

"Ampliamos as vendas para todo o País e alcançamos o mercado internacional"

Emílio Bittar: capacidade para atender aos padrões de qualidade mais exigentes no mercado global

» SINDUSCON-GO

Feira internacional

O Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás (Sinduscon-GO) lançou em junho a Feira Internacional da Construção (Fecontech 2014), que será realizada pela primeira vez em Goiás, entre os dias 21 e 23 de maio do próximo ano, paralelamente ao 86º Encontro Nacional da Indústria da Construção, no Centro de Convenções de Goiânia. Dirigido exclusivamente ao setor, o evento deverá receber 150 expositores e em torno de 10 mil visitantes, incluindo 1,5 mil profissionais, em seus três dias de funcionamento. Segundo o presidente do Sinduscon-GO, Justo Cordeiro (*foto*), a feira deverá "movimentar os negócios do setor, aproximando fornecedores e empresas, além de apresentar novas tecnologias e lançamentos de produtos para o segmento".

Nova direção

As novas diretorias eleitas no dia 3 de junho para comandar o Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás e o Seconci-GO no triênio 2013/2016 tomarão posse em solenidade prevista para 12 de agosto, no Clube Antônio Ferreira Pacheco. O empresário Carlos Alberto de Paula Moura Júnior foi eleito presidente do sindicato, tendo Eduardo Bilemjian Filho e Guilherme Pinheiro de Lima como 1º e 2º vice-presidente, respectivamente. O Seconci-GO será dirigido por Jorge Tadeu Abrão, com Célio Eustáquio de Moura na vice-presidência.

» SINPROCIMENTO

Cursos e palestra

O Sindicato das Indústrias de Produtos de Cimento do Estado de Goiás (Sinprocimento), em parceria com o Senai, promoveu em junho o curso de Operador de Empilhadeira. No mesmo mês, o sindicato realizou uma série de cursos para capacitação de líderes de processo produtivo, abordando competências básicas, de gestão, de produção, gestão de pessoas e competências técnicas específicas. No início de julho, no Palácio da Indústria, em parceria com a Fieg e com o Instituto dos Engenheiros das Indústrias de Produtos de Cimento do Estado de Goiás (IEPCIM-GO), o sindicato realizou ainda a palestra Impactos da Norma de Desempenho de Edificações nos Produtos de Cimento: Aprofundamento nos Critérios para Avaliação de Sistemas, com o engenheiro Daniel de Luccas.

Premoldados de concreto

No dia 18 de junho, numa realização conjunta da Fieg e do Sinprocimento, foi realizado, no Palácio da Indústria, o Seminário de Sensibilização para o Programa Goiano de Aceleração do Setor de Premoldados de Concreto, como parte do Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procompi), da CNI. O objetivo é capacitar empresários e profissionais do setor de artefatos e premoldados de concreto nas áreas administrativa e técnica, com foco em melhoria da gestão empresarial, ganhos de produtividade, aumento de vendas, dos empregos e da competitividade.

» **Excelência gráfica**

Foram encerradas no dia 31 de julho as inscrições ao Prêmio Aquino Porto de Excelência Gráfica Criação e Produção 2013, realizado pelo Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás (Sigego) e Associação Brasileira da Indústria Gráfica em Goiás (Abigraf-GO). Participam desta 9ª edição do prêmio empresas gráficas e agências de comunicação e estudantes. Os cinco vencedores em cada categoria serão conhecidos no dia 22 de agosto, em solenidade prevista para o auditório João Bennio, na Casa da Indústria.

SIMELGO

Feira Mac&Tools

Goiânia recebeu, de 18 a 21 de junho, a segunda edição da Mac&Tools, feira voltada ao empresário da área de metalmecânica, que apresentou as novidades do setor no ramo de maquinário e ferramentas. O evento foi realizado no Centro de Convenções de Goiânia, em parceria com o Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás (Simelgo). Na oportunidade, o presidente do sindicato, Orizomar Araújo (*foto*), elogiou a realização da feira em Goiás. "O industrial goiano sabe que o crescimento só vem com investimento. E é nesse sentido que ressalto a importância da realização da segunda edição da Mac&Tools em Goiânia, que vem trazer para nossos empresários as mais modernas tecnologias na área metalmecânica, criando oportunidades de negócios com novos fornecedores e de expansão de nossa rede de contatos", afirmou Araújo.

15 anos no mercado

A CMC – Central Metalúrgica Catalana, em comemoração aos seus 15 anos, inaugurou a Biblioteca Aníbal Rosa, no dia 8 de julho, com a presença de várias entidades do Estado. A unidade é resultado de uma parceria entre o Sistema Fieg, por meio do Sesi Goiás, que investiu na construção do espaço. O diretor-presidente da empresa, Sullivan Fernandes Rosa (*foto*), explica que os usuários terão à disposição um acervo de mais de 500 itens entre livros literários, didáticos, paradidáticos, DVDs, e outros, além da Biblioteca Digital, com computadores com acesso a internet, para viabilizar a inclusão digital.

Feira da Mecânica 2013

Uma comitiva goiana esteve em São Paulo nos dias 6 e 7 de junho para participar da Feira da Mecânica 2013, maior do setor da América Latina. Representando o Simelgo, estavam seu presidente, Orizomar Araújo, e os empresários Hélio Naves, Dourival Mendes, André Luiz, Gevaert Gouveia, Altair Gontijo, Sullivan Fernandes, Jairo Gomes. "A feira foi uma experiência muito válida para os empresários, pois tivemos acesso a grandes novidades no ramo de máquinas e tecnologias", salientou Hélio Naves, vice-presidente do sindicato.

SIFAEG/SIFAÇÚCAR

Palestra em Londres

O presidente executivo do Sifaeg/Sifaçúcar, André Rocha, realizou palestra, no início de julho, em Londres, durante o 2º Sugar & Ethanol, organizado pela consultoria Datagro e pelo Ministério de Relações Exteriores do Brasil, com presença de mais de 150 líderes empresariais de vários países. Rocha falou sobre os cenários da produção sucroenergética no Brasil, com foco no bom desempenho dessa atividade em Goiás nos últimos dez anos. "Apesar do momento econômico mundial, em Goiás crescemos acima da média nacional em vários setores produtivos, graças ao bom acesso das entidades empresariais ao governo estadual", disse. "Para o futuro, as perspectivas são promissoras devido às ferrovias projetadas e ao atual cronograma de construção do etanolduto", afirmou ainda o executivo.

» SINDIREPA

Reunião de trabalho

O Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás (Sindirepa-GO) reuniu-se em almoço de trabalho com o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, com presença de parte da diretoria executiva do sindicato. Participaram do evento, quando foram discutidos temas de interesse do setor automotivo, os empresários Silvio Inácio, Ailton Mesquita, Murilo Sérgio, Edvaldo Vaz e Alyson Nogueira.

Balanço positivo

Numa promoção do Sindirepa, em parceria com o Sebrae Goiás e a Aprobeleza, o evento especial realizado no Dia das Mães na Menno Centro Automotivo superou a expectativa de organizadores e participantes, segundo o presidente do sindicato, Ailton Aires Mesquita. Mais de 60 mães foram atendidas na promoção, que envolveu ainda cerca de 40 profissionais da áreas automotiva e de beleza para reparos em 55 veículos. Enquanto os carros eram submetidos a um check-up geral, as mães, motoristas ou não, receberam tratamento especializado de cabelo e pele.

» FIEG REGIONAL

Expansão

Durante reunião da Fieg Regional Anápolis, em junho, representantes do Instituto Federal de Goiás - Câmpus Anápolis apresentaram ao presidente Ubiratan da Silva Lopes e aos presidentes dos sindicatos das indústrias a proposta de expansão da unidade. Recentemente, o IFG recebeu a doação de uma área do município com 18 mil metros quadrados, que será utilizada na ampliação da estrutura física e, consequentemente, dos cursos que são ofertados, com previsão de quase triplicar o número de vagas. Para Lopes, a ampliação reflete o crescimento de Anápolis. Ele observou ainda ser fundamental a parceria com os sindicatos das indústrias, a fim de que os mesmos apontem as demandas para a formação e qualificação de mão de obra em seus respectivos setores. Também participaram da solenidade os presidentes Wilson de Oliveira (SindAlimentos), Jair Rizzi (Siva); Robson Braga (Simmea), Álvaro Maia (Sicma) e Itair Nunes, diretor do Sindicer/GO.

Consultório odontológico

Em convênio com o Sesi Goiás, com a prefeitura de Jaraguá e Sindcostureiras, o Sinvest levou para a cidade o segundo consultório odontológico, que deverá beneficiar trabalhadores e empresários da indústria de confecção local. O primeiro consultório funciona na Associação Comercial da cidade desde 2008. Assinaram o convênio, além do presidente do Sinvest, o prefeito de Jaraguá, Ival Danilo Avelar, o superintendente do Sesi, Paulo Vargas, e Aurelio Alves Ferreira.

SINVEST

Homenagem

O presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário do Estado de Goiás (Sinvest), José Divino Arruda, foi homenageado em São Paulo pela Associação Brasileira de Técnicos Têxteis (ABTT), em reconhecimento pelo bom trabalho à frente da entidade, com a entrega de uma placa pelo presidente da associação, Reinaldo Aparecido Rozzati, e por Rafael Cervone Netto, da Technotex e do Sinditextil- SP.

SICMA

Casa própria e móveis

Em parceria com a Caixa Econômica Federal, o Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis (Sicma) realizou, entre 14 e 16 de junho, o 9º Feirão Caixa da Casa Própria e a 4ª Feira de Móveis, Decoração e Construção Civil - Expo Casa e Móveis. O evento, realizado no piso superior do Terminal Rodoviário, teve participação de dezenas de empresas do segmento imobiliário, da construção civil e da indústria moveleira. O presidente do Sicma, Álvaro Otávio Dantas Maia (na foto, com o microfone), ressaltou a importância da iniciativa que, segundo ele, visa dar oportunidade às pessoas de conquistarem moradia própria com qualidade, além de movimentar a economia. Também fez uso da palavra o presidente da Fieg Regional Anápolis, Ubiratan da Silva Lopes, parabenizando a Caixa, o Sicma e as empresas participantes do Feirão de Imóveis e da Expo Casa.

SIMPLAGO

Adiamento e homenagem

O Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás (Simplago) homenageou em junho, com almoço realizado na Churrascaria Gramado, em Goiânia, o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Helder Valim (PSDB). A interferência do deputado, relata o presidente do sindicato, Olympio José Abrão, foi fundamental para o adiamento, por mais cinco anos, da entrada em vigor da lei que proíbe o uso de sacolas plásticas. Até lá, acredita Abrão, a implantação integral da Lei de Resíduos Sólidos deverá tornar a proibição ultrapassada.

SINDALIMENTOS

Unificação do ICMS

O presidente do Sindicato das Indústrias de Alimentação de Anápolis (SindAlimentos), Wilson de Oliveira, durante reunião de diretoria, alertou para a necessidade de o empresariado continuar atento à questão de mudanças no Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Ele ressaltou que a Marcha a Brasília conseguiu sensibilizar o Congresso Nacional e o governo, com a retirada de pauta da proposta. Para Oliveira, a unificação do ICMS traz sérios riscos à economia goiana, tanto em perda de receitas – estimada em cerca de R$ 2,4 bilhões anuais – como em prejuízos para a política de atração de investimentos e de geração de emprego e renda. Segundo ele, é necessário um debate mais amplo sobre a reforma tributária.

SINDIFARGO

Reuniões da Anvisa

O presidente executivo do Sindicato das Indústrias Farmacêuticas do Estado de Goiás (Sindifargo), Marçal Henrique Soares, participou, recentemente, em Brasília, de importantes eventos promovidos pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Um dos encontros foi com o Grupo Técnico da Anvisa, do qual participaram representações da indústria farmacêutica e do segmento de varejo do setor, com objetivo de discutir a resolução da diretoria colegiada da agência que dispõe sobre a rastreabilidade de medicamentos. Ele também representou a entidade na reunião aberta da diretoria colegiada da Anvisa, que teve como pauta a solicitação de informações sobre desenho e instalação dos sistemas de tratamento de ar nas unidades fabris e também a proposta de instrução normativa que dispõe sobre os critérios de aceitação de relatórios de ensaios exigidos para análise dos pedidos de notificação e registro de produtos saneantes.

SIMMEA

Centro de formação

O presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis (Simmea), Robson Braga, participou da solenidade de entrega do Núcleo Integrado Sesi Senai Parque Residencial das Flores (*foto*). A unidade irá atender aos moradores de diversos bairros da região norte do município, inclusive, com cursos de formação na área de mecânica oferecidos pelo núcleo integrado Sesi Senai. O Cenfor é o terceiro inaugurado em Anápolis, como parte da parceria entre o Sistema Fieg e a prefeitura. "É uma iniciativa importante, porque facilita o acesso da população aos cursos de formação profissional", destacou o presidente do Simmea. Juntamente com o prefeito Antônio Gomide e lideranças políticas, participaram da inauguração o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, e o diretor regional do Senai, Paulo Vargas.

SINDICER-GO

Panorama do setor cerâmico

O Sindicato das Indústrias Cerâmicas do Estado de Goiás (Sindicer-GO) realizou no dia 25 de junho, no auditório João Bennio, da Casa da Indústria, o seminário Ações e Perspectivas do Setor Cerâmico. O evento contou com participação de dezenas de empresários, que assistiram, durante todo o dia, a palestras envolvendo temas de interesse do setor, tais como: segurança no trabalho em máquinas e equipamentos; os efeitos e a aplicabilidade da norma de tijolos; o programa setorial da qualidade e a importância da certificação e licenciamento ambiental e mudanças no processo de reserva legal. O presidente do Sindicer-GO, Henrique Morg de Andrade, fez balanço positivo do evento, uma vez que o mesmo trouxe para o empresariado uma gama de informações importantes, além de promover o intercâmbio para troca de informações.

Alemanha – 1

William Leyser O'Dwyer (Anadiesel), cônsul honorário da República Federal da Alemanha em Goiás, foi um dos realizadores do concerto da Orquestra Sinfônica de Goiânia, dentro da programação do Ano da Alemanha no Brasil. O evento, criado para solidificar as relações entre os países, teve regência de Norton Morozowicz como maestro convidado, à frente de um repertório de obras de Beethoven e de compositores brasileiros como Krieger, Villa-Lobos e Guerra-Peixe. Martina Hackelberg, conselheira cultural da Embaixada da Alemanha no Brasil, foi outra convidada ilustre presente no Teatro Goiânia.

Alemanha – 2

William Leyser, conhecido como Bill, adianta que no segundo semestre haverá dois novos concertos com a Orquestra Sinfônica de Goiânia, o primeiro no dia 26 de agosto, no Teatro Basileu França, e outro em outubro.

Baru na cerveja

Aracê, expressão tupi-guarani que remete a amanhecer, é o nome da microcervejaria que tem atraído amantes da produção artesanal para o coração da Chapada dos Veadeiros. Aberta em 2006, na cidade de Cavalcante, por Manolo Medina, um chileno que ao lado da mulher Soledad Ramirez, a Sole, trocou Santiago por Goiás, a Aracê acaba de lançar versão com novo sabor: baru, fruto cobiçado do Cerrado.

Moda íntima

A estilista Thaís Gusmão, formada na Faculdade Santa Marcelina (SP) e uma das pioneiras a levar moda íntima para as passarelas da SPFW, é esperada como palestrante durante a 13ª Feira de Lingerie que movimentará Pontalina, no Sul goiano, entre 10 e 12 de outubro. Outro polo goiano de destaque no segmento underwear, Taquaral de Goiás sediará, entre 16 e 18 de agosto, o Lingerie Fashion Week. Este evento é realizado pela União dos Confeccionistas de Taquaral e Região, em parceria com o Sebrae Goiás. Renato Devillas (Devillas Lingerie) é um dos 18 participantes que mostrarão suas coleções na passarela do evento em Taquaral, cidade a 93 quilômetros de Goiânia.

Sesi Aruanã será ampliado

Complexo de lazer instalado às margens do Rio Araguaia, o Sesi Aruanã ganhará mais apartamentos e maior área de serviço, incorporando área anexa. Um investimento de R$ 2 milhões, a ampliação (*perspectiva*) teve início neste mês de agosto e deve terminar em março de 2014, com execução pela Cosama Engenharia. Atualmente, o Sesi Aruanã possui 66 apartamentos, com grande demanda por trabalhadores da indústria e comunidade, sobretudo nos meses de julho e agosto, período de alta temporada no Araguaia.

Expansão

De volta da Europa, onde curtiu férias de julho, Emílio Bittar vai inaugurar nova indústria anexa à Coming, em Trindade. Com tecnologia de ponta e maquinário 100% italiano, a empreitada dá continuidade ao objetivo de verticalização da empresa. A nova fábrica vai produzir couros semi-terminados e acabados para a indústria automobilística e também fornecer produtos para marcas mundiais consagradas.

Moda masculina

Uma nova marca, a Quim, surge como opção para o consumidor masculino de vestuário. A novidade é da designer de moda e agora empresária de confecção Lara Vaz, formada pela UFG e mestre pela Anhembi Morumbi, que lançou coleção com desfile no Shopping Bougainville, no início de julho.

Business

Duas rodadas de negócios fora do Brasil no início do segundo semestre mobilizam industriais goianos. A primeira será a Missão Prospectiva Belleza y Salud 2013, que será realizada de 20 a 27 de agosto, em Bogotá, na Colômbia. Os interessados em participar da Expocruz 2013, prevista para 23 a 28 de setembro, em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, também devem procurar a Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), mais especificamente o Centro Internacional de Negócios (CIN).

De Paris para Taquaral

As empresas Glamur, D'Villas, Rosa Pink, Aquarella, Dejanny, D'Ster e MD Moda Íntima, de Taquaral de Goiás, participaram, entre 5 e 8 de julho, das Feiras Mode City e Interfilière, em Paris, na França. Na primeira, considerada a mais importante para o setor de moda íntima em nível mundial, eles tiveram oportunidade de ver produtos de renomados estilistas e marcas internacionais. Na outra, observaram tendências de tecidos, cores e acessórios que dominarão o mundo da moda em 2014.

Magia

Joaquim Guilherme Barbosa de Souza, presidente do Sindileite e da Cooperativa Mista dos Produtores de Leite de Morrinhos (Complem), e Valéria Mendes da Silva, superintendente da OCB-GO e Sescoop/GO, marcaram presença no espetáculo da companhia circense Universo Casuo, dia 5 de julho, no Centro Cultural Oscar Niemeyer. O grupo, fundado por Marcos Casuo, ex-integrante do Cirque du Soleil, foi atração dentro das comemorações do Dia Internacional do Cooperativismo, ações realizadas pelo sindicato das cooperativas (OCB-GO) e Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo no Estado de Goiás (Sescoop/GO, entidade do Sistema S para as cooperativas).

Trindade – 1

De 27 de junho a 7 de julho, o Centro de Apoio ao Romeiro (CAR) de Trindade, instalado pela Organização das Voluntárias de Goiás (OVG), recebeu milhares de romeiros para a festa do Divino Pai Eterno. A estrutura, montada com apoio de empresários goianos cujas indústrias fornecem produtos alimentícios e bebidas, teve este ano 2 mil metros quadrados, contando com cozinha e até capela.

Trindade – 2

No Centro de Apoio aos Romeiros, algumas indústrias apoiadoras foram: Batavo, Moinho Fino, Café Rancheiro, Caramuru, Cifarma, Creme Mel, Pif Paf, Maéve, Jales Machado,Frigorífico Minerva, Açúcar Cristal, Itajá, Ki-Joia, Manacá, Piracanjuba, Moinho Vitória, Refreskant, Sindileite, Sinditrigo, Complen, Italac, Marajoara, Itambé, OCB-GO, Super Frango, entre outros.

"Embora figure entre as dez maiores economias mundiais, o Brasil ocupa apenas a 135ª posição no ranking de qualidade da infraestrutura portuária".

José de F. Mascarenhas *é vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria e presidente da Federação das Indústrias do Estado da Bahia*

DAS PORTAS E DOS PORTOS

Portos são as portas mais importantes para o comércio exterior de qualquer país que tenha possibilidade de instalá-los. No Brasil, 94% do comércio exterior se faz por esse meio. Há países, como Cingapura, que se desenvolveram em virtude de um bom porto e vivem em função dele. A China entendeu a importância desses equipamentos, construiu os maiores portos do mundo e sua pujante economia assim não seria se não contasse com eles.

O Brasil não tem entendido essas lições. Embora figure entre as dez maiores economias mundiais, ocupa apenas a 135ª posição no ranking de qualidade da infraestrutura portuária do World Economic Forum. Com enorme costa marítima, podendo projetar excelentes portos, inventou uma história de portos privados só para "cargas próprias", que atrasou o desenvolvimento dos terminais de contêineres por anos a fio.

Mas nossos antepassados não foram assim tão lenientes. Quando chegou ao Brasil, D. João abriu os portos "às nações amigas". E, assim, cidades e portos cresceram juntos. Acontece que esqueceram o planejamento e as cidades foram ingratas com quem tanto lhes serviu: bloquearam por terra o seu desenvolvimento.

Neste ano, empresas chinesas suspenderam contratos no Brasil para entrega de milhões de toneladas de soja por não as terem recebido nos prazos. Assim é: incentivamos os agricultores no campo, eles respondem com seu trabalho eficiente, e depois? Não há como transferir o produto para o exterior. Por favor, vá aceitando por enquanto o prejuízo...

De 2001 a 2012, a movimentação de cargas nos portos brasileiros cresceu 79% e, sem os investimentos necessários, os portos vêm sofrendo paulatino estrangulamento. Enfim, o governo acordou e editou a Medida Provisória nº 595/2012, contando com generalizado apoio, exceto dos interesses corporativos e alguns outros reativos. O governo agiu no sentido de buscar a recuperação do atraso, abrindo a possibilidade de investimentos privados em novos e modernos portos ou terminais, cuidando também da eficiência e dos custos operacionais correlatos. Em junho, a presidente Dilma Rousseff sancionou a Lei nº 12.815, com dez vetos ao texto aprovado pelo Congresso no mês anterior.

Os impactos da nova lei para os portos brasileiros poderão ser importantes se tivermos capacidade de organização e ação política no sentido de reivindicar soluções à altura das necessidades da economia. Vejamos o exemplo de Pernambuco: apesar de não dispor de cargas que justificassem a construção do Porto de Suape, ao longo dos anos direcionou pesados investimentos a esse fim. Nos anos mais recentes, colheu resultados extraordinários: importantes investimentos (refinaria, automobilística, petroquímica, dentre outros) naquele Estado localizaram-se em torno de Suape. Nesse instante, o porto está anunciando projetos para investir R$ 2,9 bilhões em três novos terminais.

A visão dos governantes quanto à importância dos portos tem sido tímida, acanhada e pouco propositiva. Eles têm feito esforços relevantes, mas não percebem que um porto moderno, com áreas preparadas e disponíveis para a atividade industrial, é um aliado essencial. A oportunidade para a solução requerida virá com a aplicação da nova Lei dos Portos. Não podemos nos satisfazer com soluções pequenas. O futuro dependerá daquilo que fizermos no presente.

Responsabilidade Ambiental.
O meio ambiente cuidado por inteiro.

Consulte o Núcleo de Meio Ambiente e Higiene Industrial do SENAI e saiba como ajustar sua empresa dentro das normas regulamentadoras de riscos ambientais.

Principais serviços

- Monitoramento, licenciamento e diagnóstico ambiental;
- Gerenciamento de resíduos sólidos, efluentes líquidos e emissões atmosféricas;
- Implantação de programas de produção mais limpa.

Informações: (62) 3235-8115

FIEG SESI SENAI IEL ICQ BRASIL

FIEG SENAI

Sistema Fieg/Ascom - H

Certificado Digital

O documento que faltava para sua empresa se conectar ao futuro.

Aproveite a parceria FIEG, Sindicatos e Certa – Certificação Digital e faça já o Certificado Digital da sua empresa.

Ponto de Atendimento na FIEG – 6ª Corte de Conciliação e Arbitragem
Palácio da Indústria, Av. Anhanguera, 5.540, Centro, Goiânia-GO.

Mais informações **www.sistemafieg.org.br** ou 62 **3216 0441**

CERTA Certificação Digital *Sua assinatura eletrônica*

CERTISIGN

FIEG SESI SENAI IEL ICQ BRASIL

Sistema FIEG

cannes/dxp